AGRUPA

TUDO O QUE DEIXEI DE DIZER EM VOZ ALTA

1ª edição
São Paulo
2023

A GRUPA

TUDO O QUE DEIXEI DE DIZER EM VOZ ALTA

GIV
Grupo de Incentivo à Vida
BAJUBÁ
MEMÓRIA LGBT
Sesc

PERSPECTYVAS ETERNAMENTE YNCOMPLETAS

Juão Nyn

Nem grytando há garantya de que serey ouvydo.

O que ympacta nos textos que você lerá a seguyr e que são frutos dos cynco encontros que vyvencyamos onlyne para a ebulyção desta publycação, foram as yntensydades e a dyversydade que cada obra carrega.

Entre os escrytos, há uma ryqueza ymensa de perspectyvas, exystências, lynguagens, formas de ver o mundo, rompendo-o dessa prysão de ser unyversal. Esse coletyvo de vozes aparentemente sylencyosas, possuy um ecossystema de sabores, que alymentam substancyalmente quem o lê, abryndo camynhos para que outras perspectyvas também possam surgyr nesta bela dança da eterna yncompletude. Há desabafo, há deboche, há vyvência, há observação, tem poesya, tem realydade crua, há cartas, há textos que não precysam necessaryamente de destynatáryos especýfycos, dentre tantos outros gêneros de ser escrytura. Portanto, são pouquýssymos semelhantes, mesmo quando nýtydo que partem do mesmo exercýcyo ou dysposytyvo e arejam décadas de narratyvas trágycas e cryações padronyzadas sobre a responsabylydade coletyva que são as doenças. A ynntensydade está aquy, metaforycamente, como qualydade de som. Palavra-som-corpo. Falar sobre HIV/AIDS sempre será sobre corpos e voz é corpo propagado em onda sonora na matérya. É sobre volume: bayxo, médyo, alto e todas as varyações possýveys, aquy em dystyntas formas de som grafados em pseudo sylêncyos.

A mayorya das sequências de palavras escrytas aquy nunca foram dytas e talvez nunca sejam faladas, sendo assym, nestas págynas o

sylêncyo é som. As letras abafadas pelas págynas vyram boca aberta quando uma págyna desgruda da outra, revalendo vogays e consoantes que podem experymentar o ar através da tua fala, ymagynação (ou do QRcode a ser explorado pelo celular). Em tempos de tanta efusyvydade anty-democrátyca e hysterya sem propryedade, pelo excesso de desyn-formação de fake news, utylyzar o sylêncyo como meyo paradoxal para sussurrar, falar e até expressar o gryto que nunca veyo, soa como uma ótyma estratégya de acesso ao outro, possyvelmente cansado do ao redor barulhento, sonoramente poluýdo e sem polyfonya. Dos últymos 4 anos de governo ruydoso que vyvemos.

O sylêncyo sempre foy a estratégya de algumas doenças menos expressyvas, aquy o sylêncyo é usado para gerar antycorpos, como vacyna para que o própryo não seja uma condyção, mas uma opção. Sylêncyo contra sylêncyo. Uma enxurrada de palavras-sons-corpos que lybertam-se ao encontrarem os olhos, que podem ser chaves e bocas que podem ser portas, portays. Quero além de ser ouvydo, ser escutado. Desde que escrevy TYBYRA, dyante do eletysmo e conservadorysmo desta socyedade colonyal, o lyvro aynda é uma efycyente e contradytórya plataforma cryada pelo mundo não yndýgena, que devemos aproveytar os benefýcyos de ser ponte.

Quando cheguey em São Paulo em 2014, como artysta mygrante vyvendo longe da famýlya e com HIV, encontrar o G.I.V. foy essencyal para fortalecer mynha estrutura em contynuar presente e ýntegro na vyda, já que dystante dos meus e da mynha terra corrya o rysco de fycar longe de mym. É também graças ao bom encontro com essa rede que pude seguyr a vyda com dygnydade nesta cydade. Me synto honrado em partycypar de mays um projeto ao lado dessa equype que tanto admyro e pela 2° vez em um projeto com o pessoal do Acervo Bajubá, que sempre me deyxam lyvre e à vontade. Estar neste projeto e nas ofycynas é, para mym, compartylhar com os dyspostos e dysponýeys que assynam esta obra e agora com os leytores/ras o carynho, afeto e generosydade que tyve ao chegar nesta cydade e encontrar gente ynformada, acolhedora e cheya de amor para construyr mundos de bem vyver.

ANDREA FERRARA
ANGEL
CAIOB
FLORENCE BELLADONNA TRAVESTI
FRANCLIN ROCHA
GABRIEL IGNÁCIO
JUÃO NYN
LAURA RIBEIRO
LUCAS LINS
LUIZ ANTÔNIO SENA JR
MÁBSON FERREIRA
MARCONDES FH
MARCOS TOLENTINO
MICAELA COSTA
NATAN
RAFA MUNDURUCA
RAFA ROLLER
RAFUSKA/ RAFAELA QUEIROZ
RAMON A. SOARES
ZECA MEDRADO

CANSAIDS

Rafuska

Ando quase parando
Tenho andado cansada
Exaurida da mesmice de ser
A voz já não aguenta mais dizer
“Existe quem é de TV?”
Corpos de anos imundados de julgamentos
Escolhas que não podemos sequer fazer
Futuro que não souberam nos enxergar
Até em selos aplaudidos somos ignorados
Invisível até para quem se apega tanto em números
A ciência não nos completa
Os médicos não nos escutam
As silêncio em toda parte
E eu já sem voz
Sem cd4 disponível pra suportar tanta invisibilidade
Agora me resta a minha saúde mental
Lidar com outro julgamento social de dizer:
Não aguento mais ser só
Meu grito não ecoa mais
Até pra história da Aids
Não existimos pra essa pandemia!
De órfãos à ignorados
Nem os privilegiados conseguem mais…
Basta… AIDS!

DESCULPEM O TEXTÃO

Rafa Munduruca

Olá família, como vocês estão? Desculpem o textão. Escrevo pois quero compartilhar com vocês algo muito íntimo e pessoal, que quase ninguém de vocês sabe. Pelo menos quem sabe não foi contado por mim. De antemão, peço desculpas por não ter compartilhado minha situação com vocês antes. Não me sentia seguro pra isso. Acreditava que os julgamentos seriam maiores do que os afetos. Mas atualmente entendo que falar sobre isso é importante, é educativo, é político e é também uma forma de criar mais um laço de fortalecimento nas nossas relações. Assim como alguns de vocês, eu sou portador de uma doença crônica e que requer alguns cuidados específicos. No meu caso, eu sou soropositivo. Eu convivo com HIV há pelo menos 8 anos. Fiquem tranquilos, eu não estou em risco de morte. Escrevo justamente por estar saudável e feliz. E por acreditar que não há nenhuma necessidade de alarde ou de preocupação com a minha situação. Vou explicar um pouco para vocês pois venho acumulando conhecimentos sobre o tema nos últimos anos. E acredito que alguns de vocês podem ter pouca informação e consequentemente algum preconceito ou uma preocupação mais exacerbada. Vamos lá. No ano de 2012, eu comecei a suspeitar que havia algo de estranho com o meu organismo. Porém, me faltava coragem para encarar a situação. Foi então que comecei a fazer terapia. A psicanálise foi minha companheira fundamental pra eu me conhecer melhor e entender um pouco mais sobre meu subconsciente e ter coragem de realizar os exames que poderiam diagnosticar as causas que me fizeram perceber que havia algo diferente com o meu organismo. O período da descoberta coincide com o momento em que eu entrei no Sesc, onde passei a contar com um bom plano de saúde e sou acompanhado por profissionais muito competentes desde então. Meu primeiro médico, Dr. Carlos Spinelli, é um dos destacados médicos do Hospital Emilio Ribas, um dos principais centros de referência em infectologia do país. Meu infectologista atual é o Dr. Luis Carlos Barata, um dos

coordenadores do Hospital Santa Catarina, um dos mais prestigiados hospitais da cidade de São Paulo. Faço meu acompanhamento com ele por ter o privilégio de ter um bom plano de saúde. Mas há muitos anos o tratamento pode ser realizado de forma totalmente gratuita e segura pelo Sistema Único de Saúde, o SUS. Eu faço o acompanhamento pela rede privada apenas para não sobrecarregar o sistema público, o que auxilia para que outras pessoas possam ter a atenção mais ágil quando necessário. No entanto, meus medicamentos são totalmente fornecidos pelo SUS e eu nunca precisei comprar os remédios para o tratamento. Aliás, atualmente a medicação é muito simples. Um comprimido por dia, todos os dias, que eu opto por tomar antes de dormir. É um composto de três elementos: Tenofovir, Efavirenz e Lamivudina. No início do tratamento, eram quatro comprimidos, três antes de dormir e um pela manhã e incluia um medicamento muito pesado chamado Zidovudina, que é conhecido também como AZT. A medicina tem avançado muito e por isso hoje não preciso mais da quantidade tão pesada de medicamentos que tomava no início, nem mesmo do AZT. Esse medicamento em especial afetava meu humor, minha disposição e gerava outros problemas de saúde, como uma gastrite com a qual convivi durantes os dois primeiros anos. Já faz seis anos que meus exames, realizados periodicamente, a cada seis meses, atestam que estou indetectável. O que isso significa? Não transmito o HIV. O número de cópias do vírus no meu organismo é muito baixo, praticamente nulo, e eu não ofereço risco de contágio a ninguém, em nenhuma hipótese. Além disso, atualmente o vírus no meu organismo não tem força para evoluir, me derrubar e fragilizar, o que certamente permitiria que outras doenças oportunistas pudessem me colocar em alerta. O vírus continua dentro de mim, solitário, escondidinho e adormecido, sem possibilidade de evoluir enquanto eu mantiver o tratamento. E continuará assim até que a cura de fato seja encontrada. Como dizem os médicos que me acompanharam até aqui, mesmo sendo portador do vírus, tenho uma vida mais tranquila do que alguém que tem diabetes, pois posso comer qualquer coisa e não preciso aplicar insulina ou monitorar o organismo quase que diariamente. Trago essa analogia que eles sempre colocam para mim pois o diabetes é uma doença crônica que algumas pessoas têm ou tiveram em nossa família, com a qual já nos acostumamos e

conhecemos os procedimentos necessários. Os cuidados sexuais incluem a camisinha, que deveria ser utilizada por todos que possuem uma vida sexual ativa. E tendo um parceiro fixo e confiável, ela nem mesmo seria necessária, uma vez que não transmito o vírus. Se eu fosse hetero, poderia até mesmo engravidar minha companheira sem risco pra ela ou para a criança. Alias, é importante dizer que tanto o Eduardo e o Felipe, meus ex namorados, com quem me relacionei por três anos e por três anos e meio, respectivamente, não possuem HIV. Meus relacionamentos eram tecnicamente o que os médicos chamam de sorodiscordantes. Ou seja, uma pessoa positiva para HIV, eu, e uma pessoa negativa. O Edu, especialmente, teve papel muito importante em me acolher e acompanhar nesse processo pois me conheceu quando eu estava no segundo mês de tratamento. Isso nunca foi um problema pra ele, e não representou um risco a saúde dele, tudo o que ele fez foi buscar informação e eventualmente me acompanhar no médico para esclarecer dúvidas. Lucas, meu ex-namorado mais recente, com que fiquei por quatro meses, também sabia da minha condição e sempre foi muito sensível e respeitoso com esta questão. Outra coisa que é importante eu esclarecer nesta mensagem é que HIV e AIDS não são a mesma coisa. A AIDS é uma consequencia do HIV, que só acontece quando o paciente não adere ao tratamento. Antigamente, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, falavasse muito sobre a AIDS pois não haviam medicamentos eficientes para garantir a saúde do paciente. O vírus se disseminava muito rapidamente e amplamente, afetando a imunidade do paciente, o que resultava num organismo frágil favorecendo o desenvolvimento de outras doenças nesse processo. Em 2020, é muito difícil o HIV evoluir para a AIDS. Isso só ocorre com pessoas que desconhecem seus status sorológico e que uma vez positivo, não aderiram ao tratamento. O que não é o meu caso. Para se ter uma ideia, no caso de COVID-19 são considerados no grupo de risco portadores de HIV com CD4 (células do sistema imunológico) abaixo de 200 cópias. O meu CD4, atualmente, é de 603/mm3 (exames de setembro/2020), o que é considerado muito bom. Resolvi contar pra vocês ontem a noite. Hoje, 1º de dezembro, é o Dia Mundial de Luta contra a Aids. E só poderemos lutar de fato contra a AIDS se as pessoas tiverem informação, desmistificarem essa doença e falarem

abertamente sobre ela. Até porque, segundo dados do Ministério da Saúde de 2019, existem 38 milhões de pessoas vivendo com HIV no mundo. No Brasil, são cerca de 920 mil pessoas. Com certeza vocês convivem com outras pessoas que vivem com HIV e não sabem. E ter informação é importante para ser sensível e humano com que pode vir a precisar de vocês. Já me alonguei bastante aqui. Se quiserem mais informações, posso compartilhar vídeos e textos com vocês. É só me procurar e me pedir. Queria que vocês soubessem que eu estou bem, estou saudável, estou feliz, solteiro e consciente dos cuidados que devo ter. Tomo meus medicamentos todos os dias, regularmente. E amo muito vocês.

CARTA PARA MIM MESMO

Rafa Roller

Eu sempre tive medo da rejeição, e descobrir o diagnóstico de HIV só me fez desenhar uma nova roupa pra esse medo. Mas esse ano eu descobri que a rejeição é também um processo de se ver.

Com a volta a rotina pós pandemia, voltei a conhecer gente nova, e parece que eu estava sempre esperando que em algum momento eu fosse sofrer uma rejeição por viver com HIV. Eu me armei, me preparei e criei um escudo, que foi a exposição: passei a falar abertamente sobre o assunto pra quem quisesse ouvir, assim, quem sabe, eu já não filtrava as pessoas que pudessem querer me fazer mal.

Por coincidência ou não, muitas pessoas vivendo na mesma condição que eu cruzaram meus caminhos esse ano e não vivi nenhuma rejeição por conta do HIV. Cada pessoa vivendo com HIV que conheci me marcou de uma forma única e me fez até esquecer, por vezes, do meu próprio diagnóstico. Chego no final do ano com a sensação de que muitos sentimentos negativos habitavam mais em mim do que no outro.

Mas nem por isso eu deixei de experimentar outros tipos de rejeição. E se movimentar não é caminho para a rejeição? E só não é rejeitado quem fica parado, não é mesmo?

Tudo podia ser perdido a qualquer momento, assim enxerguei a urgência de não me perder. Ou talvez saber me perder sem soltar minha mão.

"Se amar é caminho para ser amado", me disseram. Tenho aprendido, aos tropeços, a enxergar na rejeição a oportunidade de desenhar rotas mais autênticas pra seguir – e assim, mesmo que eu não tenha pra onde ir, que eu possa sempre encontrar em mim um lar para onde voltar.

UMA CARTA ÀS PESSOAS ESTÚPIDAS QUE NÃO CONVIVEM COM HIV

Zeca Medrado

Serei breve.

O mundo não gira em torno do nosso umbigo sujo e podre. Em algum ponto dessa história de merda, a gente se perdeu enquanto gente.

Este não é um pedido para que entendamos tudo sobre infectologia, medicação e sistema imunológico. O pedido é para que não sejamos babacas.

Chega!

Nessa coisa de se perder enquanto gente, a capacidade de ouvir atentamente foi embora junto.

Precisamos deixar de lado a fala mansa e cheia de boas intenções e então sermos capazes de construir um comportamento coletivo que seja comprometido com o outro. Que seja responsável!

Estar junto.

A reprodução de um comportamento hostil é uma escolha! Entre a incompreensão e o distanciamento precisa ter um lugar onde a gente aprenda a ouvir, a sentir e a se colocar com empatia e responsabilidade.

Tudo bem, entendo que a estupidez é estrutural. Mas a sua reprodução e continuidade também é uma questão de escolha.

Com RAIVA, mas com vontade de contribuir,

zeca.

EU NÃO CONTEI PARA O MEU PAI QUE TINHA AID$

Franclin Rocha

Meu pai,

Não lembro exatamente quando foi que lhe escrevi uma carta. Se não me engano, lhe escrevia carta quando criança. Esta carta é para lhe dizer o quanto eu te amo.

Escrever é mexer com funduras dentro da gente.

Eu não tenho raiva de você, mas durante muito tempo eu tive medo. O medo é um sentimento que nos tira o poder, nos enfraquece. Tenho buscado caminhos nas encruzilhadas da vida, que me fortaleça .

Mesmo sabendo que existe um projeto que quer nos matar. E dita quem deve viver e quem deve morrer.

Não há de ser fácil.

Eu quebrei muros invisíveis, saí dos armários e não volto mais.

Não dava para viver me escondendo, me culpando, em sigilo e com medo.

Não dava mais para abortar esta história, arrastando como se fosse um fantasma, a minha própria sombra que não me deixa jamais.

Eu queria contar essa história sem ficar nervoso.

Eu não contei… Eu não contei para o meu pai que tinha aids. Você deve ter suas razões para não compreender, querer entender e parar de falar comigo. Porém não me censure por querer me expor e falar abertamente sobre HIV/aids. Não acho que precisava de sua autorização e nem de ninguém para me abrir. Tente entender o que tento lhe dizer. Eu não preciso pedir desculpas.

Eu em 2020, tive aids durante meses, eu não morri, eu sobrevivi. Eu vivo com HIV. E estou indetectável. Olha que ironia. Eu não transmito

o vírus. Sabe qual é meu objetivo hoje meu pai? É devolver a vida as pessoas positivas.

Eu não lhe culpo, em você não querer saber das histórias que ouvi, das pessoas que conheci, das mudanças e transformações que vivi e alianças que fiz.

Deixa eu te contar nós pessoas positivas, estamos construindo outras histórias, outras narrativas, muito mais de vida do que de morte. E você meu pai ficou lá na década de 80 com aquelas imagens horríveis, com esse imaginário que parece piche e não desgruda.

Eu lhe pergunto, eu fico me perguntando, quantos artistas, livros, filmes você já viu? Já leu o boletim epidemiológico? Já fez exame, testou para HIV/aids? Conheceu alguém além de mim positivo?

Quando recebi meu diagnóstico para HIV, eu só tinha vinte anos, cheio de sonhos. O HIV não é mais sentença de morte. Eu me desloquei do local onde quiseram me manter. Eu escapei. Eu descobri uma coisa: descobrir que posso amar e ser amado. E que você, faz parte da minha cura! Não me censure. Você faz parte da minha cura!

DOIS MIL E VINTE E DOIS

Marcos Tolentino

Seis anos.
Oitenta e um meses.
Dois mil trezentos e setenta dias.
Esse é o tempo que eu sei que vivo com você.
Eu não lembro a primeira vez que fomos apresentados. Mas eu lembro que desde pequeno já sabia que muitas pessoas importantes e idolatradas não tinham resistido a você.

Quem eu me assumi bicha, você se tornou mais presente.

Era aquele fantasma que rondava todo o processo de viver a minha sexualidade abertamente, quase como um preço a se pagar por isso, e sobre o qual ninguém mais estava disposto a falar abertamente.

Eu perdi as contas da quantidade de pessoas que alertaram que "agora, eu precisava me cuidar". Mal sabiam elas - nem eu mesmo sabia - que, provavelmente, você já tinha começado a fazer o seu estrago.

Quando eu descobri que viveria com você, eu tentei te esconder. "Ninguém precisa saber", foi o que me aconselharam, enquanto todos já te associavam a mim quando me viram adoecer.

Quatro anos depois, decidi que era a hora de falar de você.

Não sei se era a hora certa, mas cansei de lembrar com vergonha do dia em que fomos apresentados. Em que um médico entrou no meu quarto e me contou que o exame de sorologia para hiv tinha dado positivo. E em que eu, devido às noites mal dormidas na UTI e ao efeito dos medicamentos, nem te dei bola e voltei a dormir.

Hoje em dia, eu penso em você todos os dias. Os dois comprimidos no horário certo e o sono que às vezes sinto depois de tomá-los fazem questão de me lembrar.

E falo sobre você na maioria dos dias. Graças a você, volta e meia me arrisco a escrever. Reconheço a sua presença para relembrar as muitas vidas que vivi desde nosso primeiro encontro.

Às vezes, não sei se vivo com você. Ou se é você que vive comigo.

2 A.M.

Micaela Costa

ansiedade, cabeça fervilhando. não para nem quando eu imploro.
deito na cama, o cansaço inevitável me faz pegar logo no sono.
o sono é seguido de sonhos angustiantes. pressa, muita gente falando o tempo todo, não consigo entender nada, tampouco fugir do caos. as lembranças angustiantes do olhar de quem recebeu o peso de ler "reagente" em um exame de rotina. o brilho sumindo e o medo da morte bem ali entre nós. abro a boca para começar a conversa de que existe luz no fim do túnel, mas a voz não sai.
acordo e o relógio denuncia que ainda é duas horas da manhã.
a cabeça fervilhando. não para nem quando eu imploro.
começo a me virar na cama. os pensamentos aumentam. não sei o que é estar do outro lado, mesmo vivendo com pessoas que vivem com HIV. mas partilho da tristeza de quem recebe a notícia e o medo.
faço o trabalho de acenar para onde a esperança cintila: tratamento antirretroviral, cuidado em saúde, carinho, se querer bem e o outro também. receita cotidiana para se tornar indetectável e intransmissível.
a cabeça fervilhando. não para nem quando eu imploro.
penso em todos que conheci que abandonaram o tratamento, esqueceram da magia do viver e se entregaram. daniel, caetano, meirinha se foram tão jovens e mesmo sabendo que cada um carrega um abismo em si, me questiono onde eu poderia ter contribuído mais para evitar uma partida tão precoce.
a cabeça fervilhando me faz lembrar dos últimos dias de daniel. quando cheguei em seu leito e cantamos juntos luiz gonzaga. ou daquela vez que comeu coxinha escondido da equipe e teve um piriri daqueles, entregando o tráfico de comida que burlou a nutrição do hospital.

a cabeça fervilhando, me recobra quando daniel me falou o que eu,
enquanto profissional da saúde, queria ouvir, mas cotidianamente
construía seu próprio encantamento.
a cabeça fervilhando. não para nem quando eu imploro.
e quando lembro do dia de sua partida.
daniel não esperou eu chegar para um último olhar ou uma última
música juntos.
o lençol me prende. o pijama me prende. a angústia também.
a cabeça fervilhando. não para nem quando eu imploro.
começa a chover e nem a água diminui a força dos pensamentos.
o barulho é bonito, mas triste.
talvez sejam as lágrimas que eu gostaria de chorar, mas não consigo.
não porque o peso das lembranças não faça doer.
mas sim porque nem todos os sentimentos viram palavras pra gente
poder mastigar,
a cabeça fervilhando. não para.

AMADO MICHEL FOUCAULT

Florence Belladonna Travesti

Escrevo-lhe esta carta 38 anos e 6 meses após sua morte, em dezembro de 2022, como um exercício de escrita afetiva sobre HIV/Aids. Não sei exatamente por onde começar, ou o que dizer, mas a melhor maneira de iniciar é contar-lhe sobre a importância que você tem para mim, mesmo depois de todos esses anos em que você já não está mais aqui.

Comecei a ler atentamente seus escritos por volta do segundo semestre de 2016, e minha vida nunca mais foi a mesma. Até aquele momento, eu existia sozinha e sem palavras em um contexto rural no interior do Rio Grande do Norte, e você possibilitou-me palavras para traduzir minhas identidades.

Acho que você daria boas risadas ao saber que entre seus estudantes, vez ou outra gira o comentário que você supostamente namorou uma travesti parisiense ainda na juventude, por volta dos 23 anos, sendo ela a influenciadora de você ter sido um acadêmico e ativista subversivo.

Fato é que você possibilitou-me palavras para traduzir minhas identidades e os dispositivos de poder que incidem sobre o meu corpo travesti, assim como as subjetividades e o ativismo, e eu jamais teria como mensurar os frutos de tudo isso, nessa ligação nossa.

Ainda na graduação, ofenderam-me dizendo que eu tomava você como uma bengala de sobrevivência, que eu queria enfiar-lhe de goela abaixo nas pessoas, e que isso tornava-me violenta. Mesmo triste diante de um cenário inóspito para nós, nunca deixei de confiar na ligação poderosa que temos, uma bicha HIV+ e uma travesti. As pessoas "normais" podem até não querer ver, mas juntas somos mais fortes que elas. Por isso tacham-nos de violentas.

Certamente, caso aqui estivesse, escreveria sobre a sorofobia tal qual a homofobia que sempre impulsionou incômodos ao redor de ti. A

academia ainda "engole" você por sua obra teórica, mas assim como em vida, ainda hoje dificilmente as pessoas prestam atenção a sua biografia, e facilmente invisibilizam os saberes de uma bicha HIV+. Uma grande parte das pessoas que recorrem aos seus escritos sequer sabem que você foi uma das primeiras vítimas da Aids. Há uma ignorância tremenda em relação a sua biografia.

Você foi a primeira pessoa HIV+ a interceptar minha vida e transformá-la com seus saberes, mostrando-me a importância de ter uma vida pautada na luta por direitos civis, e por isso mesmo você não morreu, continua vivo naqueles e naquelas que fizeram dos ativismos um propósito de vida, um propósito de sobrevivência e construção ética da cidadania.

Lamento muitíssimo você ter sido uma das primeiras vítimas da Aids quando ainda não havia tratamento. Ela não tirou só você e tudo o que você poderia continuar ensinando à humanidade, ela também tirou o meu sonho de poder dizer-te isso pessoalmente, de esforçar-me para estar contigo, chegar até você, ou ser orientada academicamente por você.

Sempre que leio seus textos, faço anotações atentas sobre suas referências, levando-me aos seus pensamentos de maneira mais fidedigna. Certamente é algo temático que eu gostaria de perguntar-lhe em e-mail, caso estivesse aqui.

Todos os dias, ao folhear das páginas dos seus textos, sinto o quão significativo você permanece sendo, é um sentimento que tem mudado a maneira como vejo a vida desde há alguns anos, e por isso sou grata.

Além da sexualidade e do gênero, o ativismo sobre HIV/Aids tem circundado meus temas de pesquisa cada vez mais, sobretudo a produção de saberes afetivos, e isso só é possível graças à pessoa que você foi.

Você vive.

Com amor imensurável,
de quem cuja a vida nunca mais foi a mesma depois de você.

Florence Belladonna Travesti

VIDA

caiob

te conheci no forró em noite de são joão.
nossos olhos se cruzaram e em poucos minutos eu estava em seus braços.
roda pra lá, passinho pra cá e o desejado beijo aconteceu.
foi um momento mágico, daqueles que eu queria que durasse pra sempre.
mantivemos contato e conforme fomos nos conhecendo eu percebi que a cada dia o brilho daquela noite ia diminuindo.
em um momento de confiança, porém ainda cheio de dedos, você me contou que não estava muito bem, sem ainda me dizer o motivo.
na tentativa de te animar eu disse "calma, nenhuma tempestade dura pra sempre, vai ficar tudo bem".
e você com a voz embargada disse: "não, não vai ficar tudo bem e infelizmente essa tempestade vai durar pra sempre".
eu travei. você nem tinha me revelado o que era mas meu fantasma do passado já sussurrava em meu ouvido: "se você não se arrepender, você terá o mesmo fim".
fiquei em choque, não sabia o que dizer e logo você concluiu: faz um mês que eu fui diagnosticado com hiv.
pronto, um prato cheio para que minha ignorância junto com meu fantasma começassem a pisotear na minha cabeça.
foi muito triste mas eu não soube lidar e o afastamento foi cruel e inevitável.

4 anos se passaram e de tempos em tempos você vinha a minha mente.
meus preconceitos e medo de não ser bem recebido nunca me permitiram te mandar um "oi, como você está?".
o silêncio seguiu até ser interrompido por uma mensagem: "o seu teste deu positivo, gostaria de refazer?".
fiquei muito assustado mas eu tinha certeza que era apenas um erro do laboratório. dias depois veio a confirmação: reagente para hiv.

meu mundo caiu, um buraco se abriu na minha frente e durante alguns dias eu precisei ficar frente a frente com meu maior pesadelo.
"a maldição se cumpriu, terei o mesmo fim e o meu momento chegou".

percebi que precisava de ajuda. "com quem eu vou falar?".
você foi a primeira pessoa que me veio a mente.
fui no seu instagram e você estava lá, lindo como sempre, cheio de vida, aparentemente bem e isso me trouxe um alívio sem nem precisar falar com você.
novamente o medo da sua reação me travou e impediu que eu te procurasse, pois eu sabia que não tinha sido muito legal com você.
deixei pra lá, entreguei nas mãos do destino e de alguma forma eu sabia que em algum momento nossos caminhos iriam se cruzar novamente.

volta dos shows pós pandemia, silva iria se apresentar e antes mesmo dele subir no palco um holofote se acendeu.
era você, brilhando na minha frente.
conforme você dançava, ainda sem notar a minha presença, era como se uma luz saísse do seu corpo.
como eu fiquei feliz de te ver ali, parecia que eu estava ganhando um presente.
eu precisava te dar oi, mas novamente fiquei paralisado.
desisti de falar com você, assisti o show e por um momento até esqueci que você estava ali.
na hora de ir embora, tinha tanta gente ali mas você novamente apareceu na minha frente.
era o sinal que eu precisava pra criar coragem.
nossos olhos se cruzaram, me aproximei e disse: "oi, lembra de mim?"
sua resposta foi "sim, mas não muito bem".
depois de algumas palavras trocadas novamente o beijo aconteceu e eu fui levado para aquela noite de são joão.
eu ainda não tinha entendido, mas aquele momento era a grande chance de corrigir algo mal resolvido do passado.

voltamos a nos falar mas ainda demorei um tempo pra te contar que também estava passando pelo mesmo que você passou.
durante uma de nossas conversas você tocou no assunto, era a deixa que eu precisava para ter coragem de te falar: "aconteceu comigo também".
primeiro veio o lindo acolhimento e a preocupação em como eu estava, na sequência a confissão que minha reação e afastamento o fizeram muito mal.
fiquei triste. meu coração transbordava arrependimento, vergonha e uma imensa vontade de te abraçar.
depois de uma longa conversa nos entendemos, a consciência de que não somos os mesmo daquela época nos permitiu apagar as mágoas do passado.
ficou tudo bem e o carinho que sentimos um pelo outro nos permitiu seguir.

eu não sabia mas aquela conversa era parte da cura que eu estava procurando.
não foi um processo fácil, mas além de conquistar seu perdão eu também consegui me perdoar.
agora estamos aqui, indetectáveis, felizes, cheios de saúde e às vezes até esquecendo o pequeno detalhe que temos em comum.

já foram alguns encontros desde do nosso grande reencontro e a mágica de são joão sempre acontece quando nos beijamos.
eu não sei o que o futuro nos reserva mas eu tenho uma única certeza: te quero muito bem e sempre presente na minha vida daqui pra frente.

ah, sabe aquele buraco que se abriu na minha frente no dia do diagnóstico? no meio do caminho eu tampei ela com muita informação, apoio e acolhimento.
é como se eu tivesse desarmado uma bomba relógio que na verdade nunca esteve armada.
e o fantasma do meu passado? também consegui me entender com ele e tenho certeza que onde quer que ele esteja, ao invés de me assustar, agora ele está cuidando de nós.

RITA RITALINA

Marcos Tolentino

Sextas-feiras eram os dias preferidos de Renan. Quando chegava em casa do trabalho, ele colocava sua música favorita de Ludmilla para tocar, "Rainha da Favela", e aos poucos se preparava para se tornar Rita Ritalina, a drag queen que começava a reinar nos palcos da Carlos Gomes, em Salvador. A primeira vez que Renan se montou, ele ficou com medo de que as pessoas rissem de sua cara. O seu sonho era parecer uma drag de concurso, dessas que colocam a régua para medir a barra do vestido. Com os conselhos das mais velhas, Rita foi surgindo, enquanto Renan aprendia truques de maquiagem, como dublar as músicas, como compor os looks. Foi nos bastidores dos shows que ele aprendeu também a lidar com seu diagnóstico positivo para o hiv. Por isso, Rita era uma homenagem a sua tia favorita, que ainda vivia na em Remanso, cidade que ele deixou para trás ao completar dezoito anos, e que trabalhava no posto de saúde aconselhando pessoas confusas com seus diagnósticos recentes, como ele se sentiu não faz muito tempo. E Ritalina, porque, assim como um remédio, era a montação que o ajudava a não perder a cabeça. Esta sexta-feira seria uma noite especial: com seu vestido longo roxo, era noite de dublar sua música favorita, de seu filme favorito. Aquela balada romântica do Rei Leão, que ele nunca lembrava o nome, porque era em inglês. Ao final da música, ele contaria para o público presente, em sua maioria bichas novas que não tinham dinheiro para entrar nas baladas caras onde se deixava um rim, sobre como na noite ele encontrou uma família nova que o ajudou no processo de auto-aceitação. E, nos primeiros minutos após amanhecer, chegaria em casa e passaria o demaquilante para que, aos poucos, Rita Ritalina sumisse e Renan voltasse a aparecer.

FESTA VERMELHA

Rafa Munduruca

Quando meus 28 anos estavam pra chegar, um dos momentos mais aguardados era o retorno de Saturno. Ouvia falar dessa fase como um momento turbulento e de crises que marcariam a vida adulta, e que provavelmente indicariam mudanças que me acompanhariam pelos anos seguintes. Apesar de ter nascido entre o Natal e o Ano Novo, sempre foi mandatório para mim comemorar o meu aniversário. Um momento de muita felicidade e renascimento. Então, para celebrar os 28 anos, propus uma festa temática. Vermelho. Minha cor favorita seria o tema. Gaspacho, muhammara, morangos, tomate cereja, Martini Rosso e um bolo com cerejas estavam no cardápio do dia. Comprei copos, guardanapos, pratos e talheres descartáveis. Vermelhos. Os amigos e familiares foram convidados e incitados a comparecer trajando roupas e acessórios vermelhos e cumpriram. Um deles me presenteou com um cravo. Vermelho. Comunista, segundo ele. Na pista, adornada com pisca-pisca de luzinhas dum avermelhado intenso, no ápice da noite, um amigo dj soltou um clássico do Carrapicho e o sangue de todos ferveu. Vermelhou. Naquela altura, suspeitava que Saturno não chegava sozinho. Ainda faltava coragem para investigar, mas sentia que algo diferente corria em minhas veias. E se proliferava. Foi preciso coragem para extrair um pouco do vermelho do corpo e aguardar o diagnóstico. Positivo.

CONFETE, SERPENTINA Y SONHO NAS LADEIRAS DE OLINDA

Micaela Costa

Daniel, menino moleque homem, da periferia de Diadema. Dono de casa, estudante, fazia bico de pedreiro nas horas vagas e carregava um fardo que às vezes pesava e doía. Apesar de sua correria individual para pagar as contas no final do mês, gostava de dançar de olhos fechados, copiando as coreografias de Dirty Dance. Tinha cheiro doce quando transpirava, despertando os olfatos mais sensíveis. Dizia que sua alma era brincante, como dados que rolam pelo tabuleiro, sem esperar nada, mas apostando muito. Tinha dentes tão brancos que reluziam a luz do sol, quando sorria. Gostava de brincar nos carnavais e ficava solto feito pluma leve quando ouvia Danada da banda Eddie. Nunca tinha pisado em Olinda, mas sonhava em se misturar ao glitter dourado, confetes e serpentinas nas ladeiras íngremes, diabólicas e cheias de gente no mês de fevereiro, quando o galo da madrugada canta pelas terras pernambucanas. Por vezes, contava repetidamente seus sonhos carnavalescos para sua melhor amiga, Domitila Delícia de Dindin. Ela ouvia atenta, dando corda ao moço que falava vibrando. Era impossível não imaginar Daniel sendo feliz naquelas ladeiras. Domitila tinha orgulho do amigo, que mesmo com a descoberta recente do diagnóstico de HIV, não havia deixado a peteca cair. Nem a serpentina. Nem o sonho.

DOCES LEMBRANÇAS

Andrea Ferrara

Daniela estava sentada na poltrona do ônibus, olhando a estrada que passava pela janela, com seu fone de ouvido, escutando a música preferida de sua mãe...

Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão...

Ficou lembrando na sua infância em Diadema, nos desenhos da Disney que assistia com ela. O quanto chorou quando assistiu Dumbo. Quando jogava os dados dos jogos de tabuleiro...

Quem poderá fazer aquele amor morrer...

Quando sua mãe pegava sua mão e apertava cada dedinho... Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolo, mata piolho...

Drão, não pense na separação
Não despedace o coração

Dos seus bichinhos de pelúcia, o dromedário, que era o que mais gostava! Quando dançavam no meio da sala... De quando ganhou a medalhinha dourada do anjo da guarda, que está no seu pescoço até hoje...

O verdadeiro amor é vão
Estende-se infinito, imenso monolito
Nossa arquitetura

Lembrou também quando tinha 10 anos e foi ao dentista e ele não quis atendê-la e sua mãe lhe contou sobre o HIV... foi a primeira vez que ouviu falar sobre...

Quem poderá fazer
Aquele amor morrer

E agora sua mãe se foi...
E ela estava indo para o Rio de Janeiro. Ela, a medalhinha, a música preferida e a esperança de uma nova vida cheia de doces lembranças...

Morre e nasce trigo
Vive e morre pão

a — eita! que você acha que é pior: lançar facas ou estar na mira delas?

b — mas não é lindo ao mesmo tempo?

a — a faca corta, machuca, mata. tem que saber dominar ela muito bem, né? já pensou se a faca erra?

b — por que você pensa uma bobagem dessa?

a — de quem será a culpa? ou melhor será que há culpa?

b — tá, desculpa. eu falei que é bobagem porque a vida é cheia de risco… você pode atravessar a rua agora e morrer atropelada. então por quê pensar que é preciso caminhar na corda bamba ou cuspir fogo pra tá mais perto da morte?

a — às vezes acontece alguma coisa que corta tudo sangrando a coragem da gente, né?!

b — passa essa pipoca, vai!

a — desculpa, palavra é faca amolada! é que eu... deixa pra lá...

b — te amo, cê sabe né?

Laura Ribeiro e Luiz Antônio Sena Jr

DEPOIS QUE EU DEIXEI DE SER

Marcondes FH

E olha aí, o futuro! E você pensando que nem existia essa coisa de amanhã. Hoje – que foi ontem de tardinha; você escrevia para mais um estrangeiro. Nem tomou nota da grande catástrofe que estava para ser, da sua existência: um acidente natural em grande escala. O futuro é esse negativo com promessa de fotografia, mas, por enquanto é sala escura e luz vermelha – por enquanto. Quando você deixou de ser; no avesso da capa que não usou – nem sempre assumiu esse papel de herói; experimentou a sensação de vestir as calças de si antes mesmo de estar completamente nu. Até aquele momento: saco vazio de palavras; vaidade de jovem e gozo novo de estar muito dentro da inconsequência. Foi giz, deixou de ser. Depois deram-lhe dos quadros negros e a cor das frutas. Apodreceste memória de ameixa. Foi cadeira pegando fogo, corpo de dois habitando a ausência, oco de carne – sempre ausência nas fotos. Houve dias – nesse calendário primaveril de corte, que teu sangue jorrava pelas ruas da cidade do Recife como um grande estuário vivo; o Capibaribe olhando de esguelho exalava inveja do teu leito carne de rio ocre. Maldito, caudaloso, estudando a cidade e os homens, as arestas dos prédios e a ausência de consciência de tempo. Já não mais loucura em carne de gente. Parecia um grito calmo. Quem estava próximo do engarrafamento da Av. Caxangá, teve seu Volkswagen atolado até as orelhas. Leite de curtume, pele do nada que era esticada pelas ruas e invadindo as calçadas e as lojas. Onde você bebia da urgência dos que não estavam nem eram, esparramou barro de massapê pelos canaviais de gente imóvel no caminho. Estavas cansado de ser ausência, medo e cautela. Cinquenta anos depois e olha o estado que você deixou esta cidade... eles ainda te olham com espanto e pavor, porque naquela época você deixava de ser.

O MEDO DE (RE)AMÁ-LA

Rafuska

Como amar pode trazer medo?
Eu lembro da culpa que foi sentir
A culpa de pensar:
“o que estou fazendo”
“o que estou sentindo”

Acreditei que nunca seria pra você
Assim fui me conformando
Aceitando que tudo que sentia era ilusão
Coisa maluca, confusa, insana minha
Só minha!
Mas eu sentia falta de um nós
Eu te idealizei em mim

A distância foi proposital
Mas hoje ela é quase auto explicativa
Meu coração aponta todos sinais
Eu te amei em silêncio
Eu te amei tentando não amar
Eu te amei de tantas maneiras
Que o tempo a-dor-meceu

Eu não te via mais
Não te imaginava mais
Não te recordava mais, em mim.
O que foi que aconteceu?
Que loucura é essa do tempo?
Que brincadeira é essa do destino?
Não, não pode ser loucura dessa vez
Não, não pode ser brincadeira dessa vez

Eu tô apavorada
Desde do nosso primeiro beijo
Era só um dia
Era só uma viagem comum de dezembro
Tão imprevisível
Eu tô lindando com essa explosão
O medo de amá-la
Está aqui!
EU TE AMO DE NOVO

Eu não quero chorar por sua ausência
Agora ausência com momentos
Com seu sorriso real
Com seu olhar mais intenso que nunca
Com seu cheiro
Com sua voz
Eu sei que está tudo diferente
E pior que esta!

Todo dia eu tenho acreditado em nós
Eu tenho acordado do sonho outrora inusitado
Você está me bagunçando de novo
Mas dessa vez diferente
Tem mais coisa
Tem mais sentimentos reais e latentes
Tem nós
Tem beijos
Tem afetos
Tem TANTO!

Eu não quero esse medo!
EU NÃO QUERO ESSE MEDO!
Eu quero te amar, ser sua namorada
Nos ontem, hoje e nos amanhãs
Seja pra sempre esse amor em mim!
Com medo ou sem, EU TE AMO!

NOITE EMOCIONANTE PENSANTE

Ramon A. Soares

Como eu me vejo?
Como tu me vê?
Como nós somos?
Afinal, o que são essas questões para mim...
O que eu sou será mais importante para como eu me vejo ou para como aparentemente tu me vê...?
Nós somos, tanto, quanto, de monte, mas dentro ou fora do individual, nós somos seres pensantes, emocionantes e cidadãos em coletivo socioeducativo.
Portanto.
Contudo.
Com tanto.
Somos.
O que?
O que queremos...
O que conseguimos ser.
O que seu eu interior, quando neste momento tu abraça a tua criança adulta.
Acolhimento.
Respeito.
Nostalgia.
Resiliência.
Ressignificando...
Eu, eu quero ser tudo que eu quiser ser, inclusive meus sonhos mais brilhantes, então, estão aqui. Aqui dentro de mim, comigo, hoje, a criança que me habita, que habita tu e nós. Não deves de forma alguma deixar para trás o que sua criança sempre vos

tem falado, eu quero ser o que eu sempre quiser ser, e sou. Eu seguirei e serei guiado pelas minhas boas escolhas. E o espírito infantil, ele permanece. Muito, muito mais maduro.

Do que mesmo? De que? De quem?

A inutilidade da insuficiência de pensaMENTE de como tu me vê.

Eu vejo, eu sou, eu ouço, eu sinto, eu gosto. Sobre os sentidos ou não sentidos. Há sentidos ocultos aparentemente para quem não percebe. Ah, sentidos ocultos. Esses, aqueles e aquilo, de forma inclusiva, se torna equIDADE. Na infância até saúde de envelhecimento, da pedagogia até gerontologia, entre outras áreas atuantes. Viva a vida meu AMoRiziNhO.

Ciência de tudo isso que fala-se.

Silêncio.

Xiu!

3 de Dezembro de 2022, às 22h:50 de Terça-feira.

Fui em Recife, Pernambuco, me encontrar com Romeu, lá em Olinda, numa noite quente de frevo. Assim que nos encontramos perguntei a Romeu... Onde andas Julieta? Romeu respondeu: Amor, Julieta casou com Juliana. E eu... Eu tenho tu, meu diamante mais precioso, és + que importante nessa minha breve vida. Amor meu, meu Romeu, Rubi. Feliz é aquele que se encontra com seus desencontros, é preciso Amar, e eu tenho tu, Romeu. + Amor por favor. Que ame Julieta. Que ame a Juliana. Que ame o Romeu. Que ame-se. O amor, meu bem, seja como for, de forma recíproca, cura.

LOST IN TRANSLATION

Marcondes FH

Nem sei como me achou. Em que caravela virtual desembarcou para dar de cara com este minúsculo continente de mim? Embora, às cegas, não errou as índias. Parecia familiarizado com nosso calor dos trópicos pois sabia bem dos meus e foi logo me interrogando em inglês. Era de Nova Deli e queria de mim a intimidade que geralmente eu só emprestava aos médicos. Veio através da hashtag: HIV/AIDS, numa foto-desabafo no Insta. Interessava os sintomas; se podia ter sido; se corria risco. Apesar de não ser um especialista no assunto, achei interessante esse intercâmbio de diagnósticos – entenda, essa comunicação: 'lost in translation' – pra mim, só era possível nas novelas da Gloria Perez, agora com o Google me enrolando a língua dos dedos, éramos amigos de longa data trocando confidências sem saber bem a semântica. O medo possui essa característica universal fantástica, despojada de qualquer idioma, rosto ou nacionalidade, capaz de dar as mãos dois completos estranhos. Tinha medo de estar, onde queria permanecer esgotado. Acusava de ter sido esquecido por Deus e foi aí que me pegou. Para minha surpresa, não era hinduísta. Eu esperava que viesse cheio de badulaques, incensos e Ganeshas de aeroporto. Bobagem! Preconceito meu! Quem eu queria enganar, sendo também um colonizado, compartilhamos desse mesmo Deus, que passou sua vida santa nos espiando tomar banho, no oculto, como pulgas atrás da orelha. Fui cama de ossos resistentes contra a desinformação, forrada carne no interior vazio e desabitado. Quando recobrou a fé que andava perdida, arrastando o sari na Medina, já fazíamos parte dessa nova religião, que acende velas imaginárias aos algoritmos.

ESCRYTA DO RYSCO

lucas lins

— ei, cê não acha esse um movimento muito arriscado?

há alguma coisa de muito íntimo no que se partilha pelo espaço aberto de um parque, ou talvez de um campo sem flores. o que eu enxergo vai muito mais do que eu sinto como cheiro ou som escapando pelas frestas da minha face, um suave vento que se dissipa ao tocar esse meu grande órgão. sim, é como um grande pianista que me encontra, intocado e poeirento piano, no meio de um pasto, e tem de ímpeto colocar seus dedos em mim, suave. suave como um beijo de quem, um dia, vai partir deixando gotas tristes de suor, saliva e sangue.

— sei lá, tem gente que não sabe carregar o peso dum elefante...

o dia amanhece como sempre se passou no giro terrestre, como sempre se passou no giro terrestre, como sempre se passou no giro terrestre...

— é que eu acho que nem todo mundo sabe essas coisas pelo corpo mesmo. você estudou isso na escola?

eu canto. de olhos fechados eu canto, como um místico um mágico um feiticeiro das palavras encadeadas em sons. eu não escrevo, eu não propago em pedaços de matéria inerte. minha palavra é a seiva da árvore, que escorre ali no momento em que me cortam a garganta pra domar minha língua. a colônia é uma motosserra, mas nossa língua é musculosa: sabe dar nó de cobra quando rasteja pelo fundo do rio, e, mesmo de lama em cima, barrenta, barreja a paisagem a fumaça a fuleragem dessa gente mesquinha que ocasiona de sonhar com olhos fechados. por isso que eu canto, canto mesmo no escuro, e, de olhos bem fechados, me abro todo pr'esse outro mundo.

— tem escola que não ensina, e daí a gente nem procura saber depois, na vida...

é silêncio. esse que fala mesmo não falando. é silêncio, esse que respira profundo sem ser notado. ê, silêncio, camarada amigo, véio da cara enrugada como minhas mãos que são símbolo de sabedoria. hoje, depois de muito sonhar, eu pude acordar junto a um novo dia. saber ver os raios do sol sem se cegar é uma sabedoria surda. porque só assim conseguimos ver o silêncio. você escuta?

— olha, eu tenho um elefante pra cuidar também. você sabe cuidar de elefantes?

eu corto a perna no rio como uma forma de comunhão. eu, ali, também sou peixe, galho e pedrinha, uma a uma formando esse montão de chão que deixa pisar meu pé pra poder ir da casa até o rio. mas o cerco deles é coisa fixa. mesmo assim, eu imponho meu pé, eu imponho meu pé. EU EMPONHO MEU PÉ. mesmo que essas palavras transmutadas da minha boca a essa página tentem mudar o que eu digo, adeqüar meu som aos signos brancos. eu venho em bando. eu EMPONHO. y você também.

JÚLIO

Rafa Roller

Gabriel nasceu no Guarujá e quando se mudou para São Paulo todos o chamavam de Guaru. Enquanto crescia no litoral, Guaru sempre teve imaginação fértil. Quando criança quase se afogou no mar porque ouvia um moço lá do fundo chamando, dizendo que ele "podia mergulhar que dava pé". Era curiosa a sua ligação com o mar, quando adolescente, jurou que viu uma sereia fumando narguilé.
Agora adulto, tentava entender seu poder de imaginação.

***

O vento frio adormecia a ponta do nariz de Guaru encostado na janela do carro enquanto ele despertava, olhando para o céu de agosto. Rosa dirigia alternando olhares para ele, aliviada de ter Guaru de volta. Ela estava ansiosa para reencontrá-lo, não só fisicamente, mas voltar a sentir que ele é ele mesmo e está ali do seu lado, no banco de carona, como tudo deveria ser.

Guaru passou duas semanas na reabilitação e estava tentando processar tudo o que aconteceu nos últimos meses, estava se sentindo lúcido como nunca, apesar do olhar apático.

— O que aconteceu, Rosa? – perguntou Guaru, com tantas dúvidas que não caberiam nessa pergunta.

— Você quer mesmo falar disso agora, Guaru? Essa história exige muita atenção. – respondeu Rosa carinhosamente – Não quer descansar e falamos amanhã?

— Sim. Não. Eu preciso de respostas.

— Acho que tudo começou quando você descobriu seu diagnóstico de HIV...

***

...6 meses atrás...

É fevereiro e Guaru está chegando à sua primeira reunião do grupo de apoio para pessoas vivendo com HIV. Depois do diagnóstico, Rosa tentou ao máximo oferecer acolhimento e carinho para Guaru, mas ele precisava muito se conectar com outras pessoas que vivessem na mesma condição que ele e que pudessem entendê-lo "de verdade".

Abriu a porta da sala de reunião e foi atingido por uma avalanche de olhares, alguns tristes, outros perdidos, alguns apenas precisando ser vistos de volta – viu uma dúzia de espelhos nos olhares diante de si. Em seu rosto podia-se perceber claramente que era sua primeira reunião. Mas seria a primeira de muitas.

Na primeira semana, no fim da reunião, conversou com um casal simpático, que estava junto desde o diagnóstico e frequentava o grupo de apoio desde o início. "Que sorte a deles ter um ao outro, ter alguém que te entende", pensou. Acho que foi a primeira vez que ele sonhou com alguém como Júlio.

Na segunda semana trocou olhares com um moço e o chamou para sair. Eles até se beijaram, mas virou amizade. O moço era emocionado demais para Guaru.

Na terceira semana flertou com outro moço, um que sempre reclamava de frio. Depois da reunião tomaram uma cerveja, deram uns beijos, Guaru o emprestou uma blusa que ele nunca mais devolveu.

Na quarta semana se apaixonou por Lua, mulher da vida que ganha dinheiro abrindo mão de seu corpo para homens devassos. Guaru até se apaixonou por Lua, ela tinha um lindo cabelo vermelho, mas Lua já logo trouxe papo de casamento. Guaru, que é não monogâmico, jamais deixaria Rosa para ser exclusivo de alguém.

***

— Eu estava me sentindo incapaz de preencher o buraco que o diagnóstico de HIV te causou, Guaru. – disse Rosa aflita enquanto dirigia.

— Eu nunca deixei de ser apaixonado por você. – revidou Guaru – Acho que eu só precisava… me conectar com pessoas que soubessem o que eu estava passando, sabe?

— Mas mesmo com Lua você parecia distante. Era como se nada te preenchesse. – disse Rosa enquanto parava o carro para o semáforo. – Aí surgiu Júlio e, de repente, você estava cada vez mais imerso na história de vocês.

— No dia em que conheci o Júlio eu estava completamente chapado. – disse Guaru observado o rosto vermelho de Rosa iluminado pelo semáforo – Eu tinha fumado o dia inteiro antes da reunião...

****

…5 meses atrás…

Lua sempre chegava atrasada para as reuniões do grupo de apoio. Toda vez ela batia na porta antes de entrar, fazendo com que todos parassem para olhar enquanto ela entrava. Foi em um desses dias que Guaru olhou para a porta e viu um moço atrás de Lua, era Júlio espiando de fora, com um olhar curioso sobre o que estavam fazendo naquela sala de reunião. Seu rosto estava vermelho, iluminado pelo cabelo de Lua. Foi como se ele tivesse roubado todo o brilho dela, um eclipse.

Quando Júlio olhou de volta para Guaru, o mundo congelou ao redor dos dois. Como se eles fossem 2 universos prestes a colidir, seus olhares se penetraram por alguns segundos até que… Júlio saiu de vista.

Lua fechou a porta antes de entrar desfilando até uma cadeira e Guaru nem prestou atenção, estava tentando entender o que acabou de acontecer ali. Precisava ir atrás daquele moço que acabou de secá-lo com os olhos.

Precisava ir agora.

— Licença, pessoal. Vou no banheiro. – disse Guaru, saindo sem perder tempo.

Quando abriu a porta, viu Júlio no fim do corredor indo em direção aos fundos do prédio. Guaru foi correndo atrás, saiu do prédio e diminuiu a velocidade quando viu que Júlio estava encostado no pé de jabuticaba que tem nos fundos.

— Moço, você precisa de ajuda? – perguntou Guaru, se aproximando devagar.

— Desculpa. – respondeu tímido – Eu sou o Júlio. Eu... Não quis atrapalhar. Eu... Acho que só estou meio sozinho e não sei o que fazer.

— Eu sou o Guaru, caso queira entrar na reunião será muito bem-vindo.

— Eu não me dou bem no meio de tanta gente, sabe? Acho que eu tô fadado a ser um solitário mesmo.

— Olha, posso falar? O meu diagnóstico é recente, eu ainda estou tentando entender tudo isso. – disse Guaru levemente flertativo, encostando ao lado dele na árvore – Eu não sei de mais nada, minha vida mudou tanto, tenho conhecido o meu próprio corpo de novo, às vezes tenho sede de viver, às vezes tenho vergonha, às vezes sou grato a ciência, às vezes só estou triste, às vezes não quero que encostem em mim. Mas... pra falar a verdade... – encostou a mão no ombro de Júlio – eu te vi na porta da sala e senti que precisava muito vir atrás de você.

— Posso te dar um abraço? – perguntou Júlio.

Dali em diante Guaru não voltou mais para a sala de reunião. Ficaram mais de 1 hora conversando até começarem a se beijar.

"Descobri que nós temos as mesmas dores – mas Júlio vive com HIV há mais tempo do que eu. Nossos olhos escuros se encaram como dois universos prestes a colidir. Foi ali mesmo atrás da árvore que senti suas mãos grandes encontrando meu coração entre as minhas pernas, que batia mais rápido com o som da sua voz no pé do meu ouvido, sugerindo ao meu pelo que se levantasse. Ao meu peito, que renunciasse qualquer oxigênio, para que eu pudesse sentir mais fundo o cheiro que exalava do seu pescoço. Coloquei minha mão no seu cabelo e segurei bem forte – se não fizesse isso eu cairia de joelho alí mesmo. Sua língua molhada estava em cima da minha língua quando ele abriu meu ziper. Senti meu corpo sendo envolvido pela palma da sua mão. Puxei o seu cabelo em direção ao meu peito e ele me sacou para fora. Sentiu todas as minhas veias enquanto vinha de encontro ao meu corpo num vai e vem..."

tec tec tec

***

Guaru dá uma risada sem graça e abafada pelo som do GPS: "em 800 metros, vire a esquerda".

— Que loucura Guaru, como isso aconteceu? E se alguém tivesse te flagrado? – Rosa pensou alto. – Desculpa, não precisa falar disso se não quiser.

— Depois disso eu peguei o telefone dele. – disse Guaru enquanto seu olhar divagava novamente e seu sorriso desaparecia – No dia seguinte... foi aquele dia que eu fui no infectologista e descobri que eu ainda não estava indetectável.

— Aliás, desculpa por esse dia, Guaru. Você me ligou para me contar e... eu estava tendo um dia péssimo no trabalho. Mas eu gostaria muito de ter te acolhido mais.

— Tudo bem, amor. Acho que no fundo eu só precisava falar com alguém que me entendesse mesmo. Tinha 6 meses que eu estava em tratamento e minha carga viral ainda persistia. Eu estava totalmente frustrado. Enfim, nesse dia eu liguei para o Júlio, logo depois de não conseguir falar com você.

***

...4 meses atrás...

— Júlio, você pode vir aqui em casa hoje?

— Tá tudo bem? – Júlio questionou Guaru.

— Eu tô com medo. Eu tô me sentindo claustrofóbico, enquadrado, refém de um vírus que resiste no meu corpo. Eu queria tanto saber como é... comemorar que estou indetectável. – desabafou Guaru desolado.

Júlio imediatamente apareceu para consolar Guaru. Dessa vez não transaram. Júlio era ótimo em contar piadas que, de tão sem graça, se tornavam engraçadas. O jeito que seu bigode se espetava enquanto ele contava causos tornava tudo mais engraçado. Guaru se divertia com Júlio, o tempo passava arrastado. A noite foi caindo e os dois adormeceram no sofá fazendo cafuné um no outro, com o som da televisão bem baixinho ao fundo. Os

olhos de Guaru fechados indicavam sonhos serenos.

No dia seguinte Guaru acordou primeiro e não conseguia trabalhar observando Júlio dormir. Quando Júlio acordou conversaram mais um monte e, antes dele ir embora, Guaru disse:

— Eu gostei muito de você, Júlio. Quero te apresentar pra Rosa qualquer dia desses, vocês vão se dar super bem.

— Eu também tô gostando muito de você. Quero muito fazer isso mais vezes, Guaru. Mas isso pode ser uma coisa só nossa por enquanto? Você sabe que eu sou tímido, né?

— Acho que você ia gostar muito da Rosa, ela é incrível. – reforçou Guaru.

— Qualquer dia desses a gente vê. Mas não vou prometer nada. Tudo bem?

— Tudo bem, claro. Vamos deixar as coisas acontecerem naturalmente. – respondeu Guaru distraído com os olhos pretos e brilhantes de Júlio.

***

— Eu lembro de você me contando isso na época. – interrompeu Rosa – Eu estava achando o Júlio muito misterioso. Não tinha uma foto, uma rede social… eu só conseguia imaginar vagamente como ele era, pela sua descrição. Parecia que você não queria apresentar ele pra mim. Eu te sentia tão distante.

— Desculpa. Acho que eu fiquei obcecado por essa coisa de me conectar com alguém que me entendesse.

— Foi horrível ficar sem falar com você nessa época.

— Eu também sofri demais. Eu pensava em você todos os dias.

— E você ainda foi viajar sem que a gente se resolvesse antes, nesse clima estranho. Você tão longe, emocionalmente e geograficamente. Parecia que a gente nunca mais ia se ver de novo.

***

…o início da viagem…

Guaru estava planejando passar um tempo viajando, antes mesmo de conhecer Júlio. Depois do diagnóstico achou que

precisava de um ano sabático. A primeira viagem estava chegando e ele e Júlio estavam cada vez mais envolvidos. Guaru, então, decidiu chamá-lo para viajar com ele. O primeiro destino foi Brasília.

Guaru estava sentindo muito a falta de Rosa nos últimos dias antes de viajar, mas parece que eles estavam vivendo momentos diferentes da vida. Rosa estava no melhor momento de sua carreira, recebendo muito reconhecimento pelo trabalho incrível que faz no show business. Enquanto isso, Guaru estava entrando em uma intensa jornada de autoconhecimento, lidando com o diagnóstico e, agora, se permitindo amar alguém novo.

Guaru estava preenchendo muitas lacunas em seu coração nessa nova história com Júlio. Mas era como se eles já se conhecessem de outras vidas, tudo estava acontecendo tão rápido e fluido.

— Essa é a primeira viagem de muitas! – disse Júlio antes de Guaru ligar o carro com destino a Brasília.

No caminho foram ouvindo Rita Lee e falando sobre as estrelas. Guaru sabe tudo sobre as estrelas e adora quando alguém demonstra um mínimo interesse sobre o assunto, assim ele pode falar tudo o que sabe. Júlio ouvia tudo atenciosamente e, vez ou outra, soltava um comentário bobo de quem não entende nada do assunto.

Chegaram em Brasília e foram comer pão de queijo no Café Belini. O cheiro de café no ar inspirava planos mil que os dois faziam sentados na área externa do Café. Os dois queriam conhecer o mundo juntos – por um momento Guaru ficou triste, ele e Rosa já fizeram esses mesmos planos.

Os dias se passaram e no último dia Guaru quis ir na Feira Artesanal da Torre de TV para comprar uma lembrancinha para Rosa. Os dias longe dela o fez perceber o quanto ela é importante para ele e, quando voltasse, Guaru queria reatar com Rosa. Saiu de lá com um catavento cor de vinho tinto e logo mandou uma foto para Rosa escrito "sinto sua falta".

Rosa, que também andou refletindo muito sobre tudo, deci-

diu que vai ficar em paz com a relação de Guaru e Júlio. No fundo ela só quer ver Guaru feliz e vai fazer de tudo para que eles se reconectem.

De Brasília, Guaru e Júlio foram para Florianópolis. Lá o clima estava muito agradável e Guaru se sentia feliz, estava agora de bem com seus dois amores. Mas um dia Guaru estava em chamada de vídeo com Rosa, que pediu para dar um oi para Júlio. Júlio se escondeu instantaneamente.

Não dá para dizer que Rosa e Júlio tinham qualquer relação. Mas Rosa estava disposta a conviver com o mistério de Júlio, se esse fosse o preço de manter a relação com Guaru.

***

— Obrigado por sempre me apoiar, Rosa. Você é muito importante pra mim. – disse Guaru emocionado.

— Eu fiquei muito feliz que dali pra frente a gente voltou a se falar e você até me contava algumas coisas do Júlio.

— Sim, mas o mais difícil foi perceber Júlio se afastando conforme eu me aproximava de você.

***

…indetectável…

Após 3 meses viajando com Júlio, chegaram no Rio de Janeiro. Na primeira semana Guaru fez seus exames de carga viral e CD4. Será que ele finalmente estaria com a carga viral indetectável? Depois de uma longa semana aflito esperando pelo resultado, sem conseguir dormir direito, chegou o dia de buscar os resultados dos exames.

Guaru passou nos correios para enviar um desenho para Rosa que Júlio havia feito na Escadaria Selaron outro dia desses e, apesar de ter pedido para Guaru não mostrar o desenho para ninguém, Guaru sabia que Rosa sempre quis conhecer esse lugar. Júlio nunca iria saber que ele enviou uma cópia do desenho para Rosa – pensou. Dos correios, foi para o laboratório ali perto e encontrou Júlio com o envelope em mãos.

— Independente do que acontecer eu sempre vou estar aqui com você te apoiando. – disse Júlio entregando o envelope para Guaru.

Na cabeça de Guaru um filme se passava enquanto ele rapidamente abria o envelope. Lembrou de quando descobriu o diagnóstico. Na época estava magro e tossindo sangue. Pensou em tudo o que havia passado desde então e como a vida estava diferente agora. E enfim, os refrescos…

HIV – carga viral: não detectado (Método: RT-PCR (Alinity m STI, Abbott))

Guaru deu um berro. Espremeu Júlio em seu peito e seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade. Mais do que depressa pegou o celular e ligou para Rosa:

— Amor, eu consegui!!! Eu tô indetectável!!!

— Que notícia incrível, Guaru!! – Rosa berrou de volta, contagiada pela emoção de Guaru. – Parabéns! Eu sabia que logo isso ia acontecer, seu corpo só precisava de um tempo.

— Agora eu não transmito mais, Rosa! Agora é como se eu não tivesse mais esse vírus dentro de mim – apesar de saber que ele ainda está escondido em algum lugar.

— Eu tô muito feliz por você, Guaru. Queria estar aí pra gente comemorar, mas fico feliz que pelo menos você esteja com o Júlio.

— Sim, mas em breve nós vamos comemorar – disse Guaru olhando para os lados procurando Júlio, que de repente não estava mais ali. – Mas eu vou desligar, Rosa. Só liguei para te dar a notícia, vou procurar o Júlio.

Guaru desligou o telefone e chamou por Júlio pelos corredores do laboratório, mas nem sinal dele. Ele não estava ali, nem na frente do prédio, nem no meio do caminho para o hotel e nem no hotel. Júlio estava incomunicável e Guaru, exausto, adormeceu no sofá do quarto. Acordou depois de 3 horas com a movimentação de Júlio chegando.

— O que aconteceu, Júlio? Você sumiu.

— Eu precisava organizar meus pensamentos, decidi dar uma volta pela cidade, desculpa. – respondeu Júlio desconversando – Precisamos pensar no que vamos jantar.

Guaru se contentou com a resposta. Mas conforme os dias se passavam, houveram novos episódios de sumiço de Júlio. A cada sumiço, Júlio demorava mais tempo para voltar. A justificativa era sempre a mesma. Para Guaru só restava aceitar, mas estava ficando cada vez mais preocupado e ansioso com esses sumiços.

***

— Foi quando eu recebi o seu desenho que eu percebi que havia algo de muito errado com Júlio. – disse Rosa interrompendo Guaru.

— Que bom que eu te mandei o desenho então. – Guaru exprimiu sem ter mais o que dizer.

— O desenho era lindo, mas então eu olhei aquela assinatura. Eu conhecia aquela assinatura! Minha irmã tinha um desenho da mesma pessoa. Ela me disse que esse desenhista estava sempre lá, desenhando turistas.

***

…afinal, quem é Júlio?...

Guaru está aflito com os sumiços de Júlio, mas dessa vez a ansiedade o estava comendo vivo. Julio não volta para o hotel há 2 dias e está incomunicável. Guaru sem saber o que fazer decide descer na recepção do hotel e perguntar sobre Julio.

— Senhor, não consta nenhum Júlio hospedado no seu quarto. – disse o recepcionista.

— Mas nós demos entrada no quarto juntos, ele sempre estava comigo, você já deve ter visto ele.

— Na verdade, o senhor me desculpe, mas eu nunca vi o senhor acompanhado. Inclusive sempre te achei muito solitário. – disse o homem, encarando Guaru.

— Me dá licença… – diz Guaru antes de sair desequilibrado em direção ao elevador.

Rosa, em São Paulo, está ligando para todos os amigos em comum dela e de Guaru, ela está intrigada com o desenho e quer mais informações sobre o Júlio, mas todos sabiam tanto quanto ela.

Pelas câmeras de segurança o recepcionista observa Guaru no elevador, fora de si, hiperventilando, e decide ligar para a ambulância quando o vê batendo no espelho. Guaru sai do elevador eufórico em direção ao quarto, repetindo para si mesmo:

— Eu tenho certeza que o Júlio está aqui em algum lugar. Eu preciso achar ele.

Rosa sabia que Guaru precisava de ajuda, foi às pressas para o carro e pegou estrada em direção ao Rio.

Guaru entra no quarto do hotel e começa a revirar todas as malas procurando qualquer indício de Júlio. Pouco tempo depois ouve batidas na porta, são os paramédicos.

— Eu estou bem! – grita Guaru, correndo para o banheiro – Eu preciso encontrar o Júlio!

O som das batidas na porta continua ao fundo enquanto Guaru se olha no espelho surpreso ao ver Júlio atrás de seu reflexo:

— Júlio, até que enfim, onde você estava??? – diz Guaru ensandecido.

— "O buraco do espelho está fechado, agora eu tenho que ficar aqui, com um olho aberto, outro acordado, no lado de lá onde eu caí…"

— Do que você tá falando, Júlio!? – pergunta Guaru totalmente fora de si.

— É uma música do Arnaldo Antunes, bobinho. – diz Júlio com um sorriso mordaz – Não lembra?

— Ah!! "...Pro lado de cá não tem acesso, mesmo que me chamem pelo nome." – Guaru continua cantando, esboçando um sorriso alucinado.

— "Mesmo que admitam meu regresso, toda vez que eu vou a porta some." – Guaru e Júlio cantam em coro antes de caírem na gargalhada.

Pouco tempo depois os paramédicos invadem o banheiro e encontram Guaru surtando, rindo, chorando, com a pupila dilatada e lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Cadê o Júlio??? – Guaru berra com o paramédico – Ele estava aqui agora!

— Senhor, você precisa se acalmar, – o paramédico res-

ponde enquanto imobiliza Guaru com a ajuda de outros dois – não tem ninguém no seu quarto.

— Vocês estão mentindo para mim!! Parem de mentir para mim!! – Guaru berra a plenos pulmões, em negação – Júlio, cadê você? Aparece, por favor!

Os paramédicos então injetam um sedativo contra vontade em Guaru, que começa a ficar com a visão embaçada. Enquanto perde a consciência, Guaru vê Júlio uma última vez ao lado dos paramédicos sorrindo.

Ao abrir os olhos está deitado na cama, no quarto do Hospital Santa Mônica.

Rosa observa Guaru aflita.

— Rosa? O que você está fazendo aqui? – diz Guaru sem forças. – A gente precisa encontrar o Júlio, por favor, me ajuda.

— Guaru, eu sinto muito – diz Rosa com os olhos cheios de lágrimas – mas o Júlio…

não existe.

***

— Rosa, acho que eu não quero mais falar sobre esse assunto.

— Tudo bem, Guaru. Descansa. – diz Rosa carinhosamente.

Os dias na reabilitação não foram fáceis para Guaru. No primeiro dia sentiu um buraco enorme no peito, não podia acreditar que Júlio nunca existiu. Nos dias seguintes sentiu muita raiva, começou a gritar, xingar, achava que Júlio foi um escroto. Se sentiu abandonado, ficou ressentido que Júlio não deu a oportunidade de uma despedida. As enfermeiras viviam o sedando. Quando não estava sedado sentia raiva, seguida de saudade, seguida de tristeza... O que o Júlio oferecia não poderia encontrar em mais ninguém – Guaru pensava.

Guaru e Rosa chegaram em casa e deitaram juntos como não faziam há meses. Guaru logo pegou no sono enquanto Rosa o abraçava na cama. Sua mente criativa estava prestes a transportá-lo para mais um sonho…

***

...último encontro...

Guaru abre os olhos e está imerso em uma piscina, nadando sem encontrar a borda, mas tudo está em paz. Guaru flutua no silêncio da água e seus cabelos dançam como um grande baile capilar. Não lhe falta oxigênio, poderia ficar ali por horas... se uma mão não lhe fosse estendida logo a sua frente. Guaru segura a mão que percebe ser de Júlio, enquanto é retirado da água. Os dois se encaram por um minuto até que Júlio, sereno, quebra o silêncio:

— Sinto muito por todo o sofrimento que eu possa ter causado, mas você tem que reconhecer que tudo o que vivemos foi incrível. Não foi?

Guaru começou a recordar de todas as viagens que fizeram, as conversas sobre as estrelas, o dia em que voltaram da praia chapados e cantando alto no carro, todas as vezes que compartilharam de intimidade, prazer, todas as vezes que se sentiu seguro ao lado de Júlio, como Júlio o fazia esquecer de seu diagnóstico.

— Eu vim aqui para me despedir – Júlio continua – e dizer que todo o amor que você procura em mim habita em você, assim como eu... sempre habitei em você.

Júlio pega uma toalha e começa a secar o rosto de Guaru, não se sabe ao certo o que é água e o que são lágrimas.

— Você não precisa de mim para encontrar esse amor. – diz Júlio afastando o cabelo molhado dos olhos de Guaru – Se observe e observe os seus detalhes. Não esqueça deles.

Guaru está embevecido e não consegue dizer uma palavra, apenas observa Júlio se afastando lentamente, em direção à penumbra.

— Antes de ir embora, preste muita atenção, vou repetir: observe os seus detalhes. Cada detalhe que você ignorar poderá te fazer... perder a cabeça.

RISASTÊNCIA

Franclin Rocha

Gozar da Sida
Como resistência
Vou rir da AiD$
Risastência
Dar boas gargalhadas
engraçadas
debochar

OBALUAYÊ NO SUS

Marcondes FH

No consultório da policlínica, eu senti Obaluayê sentar ao meu lado. Entre as frestas de suas vestes de palha de dendezeiro: um menino preto, magro com o corpo coberto de bexigas. No braço direito um adorno amarrado feito com palha e búzio. Todos correram de perto diante da aparição do guardião das doenças – como eu era das doenças paciente íntimo olhei fundo no negrume de seus olhos ancestrais e vi na oca de palha de sua vestimenta costumeira de orixá uma criança taciturna que ao mesmo tempo me chamava pra brincar. Pensei ter medo de que abandonasse sua carapaça de divino, me acariciou o rosto e o sangue em risco. Me cobriu de pipocas e me ensinou sobre caridade.

Na segunda vez que Obaluayê me deu a honra do convite para uma contradança, ele estava do meu lado esquerdo; abandonara os trajes de criança e tinha a carne forrada de músculos, apesar de ser um homem magro de estatura mais alta que eu olhava-me no fundo de minhas grotas mais profundas e sorriu. Como era belo aquele homem – retinto; tinha o rosto de meu irmão e era um belíssimo guerreiro. Curou-me aquela tarde do incêndio.

Atotô significa: silêncio.

e o homem em silêncio pensa melhor sobre o mundo;

pensa melhor sobre si.

SAUDADE

Marcondes FH

Leu a bula e ficou inconformado. Teria que escolher entre tratar o HIV ou definhar de depressão; decidiu por interromper o tratamento. Lembrou da última vez que sorriu sem precisar do escitalopram: vídeo-cassetadas do *Domigão*. Um sorriso de VHS; rebobinada sensação de elasticidade do tempo; recordação de um tombo lá em 1994, de alguém segurando uma filmadora antiga e que reverberava no presente nostálgico. Um looping de vídeos caseiros de uma época pré-meme, pré-diag. Pessoas estabanadas que talvez nem existam mais, mas continuavam brilhando no ponto mais distante da galáxia televisa. Ele ainda estava, ele ainda era. Ligou para o pai aquela tarde, recordando dos domingos ao redor do ruído branco da tevê ligada. *Faustão tá na Band, pai*. Lembrou que não passava mais o programa que gostava. Mudou de canal e é claro de medicação.

SANTA NO SOY

Ramon A. Soares

Santa. Há vários significados para essa palavra. Minha bisavó optou por me chamar não de Ramon, mas de Santa. Eu sempre lembro o tanto de amor que ela teve por mim em vida, e esse nome é uma junção do quanto minha vida mudou durante minha infância até hoje.

Crescia sendo chamado de Santa, porém, em certo momento da minha vida, por puro preconceito, começaram me achar estranho. Pois era um nome considerado feminino e, além disso, "santa" é algo sagrado, milagroso e respeitado... (para quem acredita). Algumas pessoas me achavam uma criança terrível "que cresceria toda errada". Então, esse nome Santa não condizia com as concepções tidas como certas, muitos acreditavam que eu teria destino curto, pois me associavam à vida/morte do meu pai e acreditavam que meu destino seria igual ou parecido, "se eu não tomasse jeito". Enfim, eu, lá atrás, enquanto criança, tinha medo de tudo, e pedi à minha bisavó que ela nunca mais me chamasse de Santa. Sim, acredite, foi muito difícil expressar isso. E para vovó foi doloroso não me chamar mais pelo nome que ela tinha escolhido e pelo qual me definiu.

Eu penso que esse nome traz grande força e, enquanto muitos adultos pensavam mal de mim, minha bisa acreditava imensamente em meu potêncial. Ela sabia que, de alguma forma, cada um de nós tem uma vida e nós podemos não só mudar, mas viver a nossa própria história. Então, usar a palavra pela qual minha vó me chamava – Santa – fez com que eu, Ramon, entendesse minha orientação sexual e soubesse que iria enfrentar desafios por ser quem realmente sou. Que viveria uma vida com liberdade de pensamento e responsabilidades. Agradeço imensamente a ela por esse nome. Hoje, o nome Santa reafirma o quão capaz eu sou e o que eu me tornei. A palavra dita "feminina" que lá atrás me constrangia pelo medo de ser chamado de "mulherzinha" ou "bixinha", me faz ver que a luta contra o preconceito e discriminação por ser um menino gay me fez evoluir. *Santa* veio para ressignificar

estereótipos excludentes que muitas vezes me colocavam para baixo e eu acreditava como verdade.

Crescer sem a presença de um pai não foi fácil, muito menos longe da minha mãe, mas eu tive minha vó e bisa que estiveram do meu lado.

Escrevo em memória e em respeito por ter tocado no assunto delicado de meu pai, que tanto amo. Sempre estará ao meu lado de alguma forma, sou grato em ser seu filho. Fico tranquilo em ter pessoas que falam bem de você, sua vida foi vivida do seu jeito, e não cabe a ninguém julgá-la. É muita hipocrisia esse monte de gente que faz tais julgamentos, antes de falar algo, poderiam se auto-analisar!

SANTA NO SOY
13 de Maio de 2020 23:22

DOS AMORES AOS VENTOS

Laura Ribeiro

meu amor é frágil
ele se sustenta no galho mais alto entre as árvores frutíferas dos meus desejos
ele tudo sente
desde a rega até o vento forte que traz a insegurança de cair de lá do alto
é preciso aguar os desejos pra que o galho não se quebre
e ainda assim meu amor sente medo
porque água demais tbm mata
murcha os galhos encharcados de anseios que nem sempre são somente meus
o meu amor também sente receio pelo galho que o sustenta
as árvores dos desejos, do sexo, da afeição... todos os seus galhos se misturam
erudição dos prazeres da floresta toda que me compõe
queria pensar que o amor escolhe em qual dos galhos vai se repousar
mas parece que ele anda por aí e
de galho em galho se acomoda sem deixar muita brecha para a interpretação dos
teus movimentos
olho pro céu
observo meu amor aqui de baixo
não quero que ele caia
e tbm não quero que ele se engane parado num galho que não seja capaz de fazê-lo sentir seguro para ser tudo aquilo que ele se criou pra ser
pq meu amor merece segurança
ele merece a calma de saber que mesmo balançando lá em cima, seja pela agitação de suas raízes num tremor qualquer
ou pelos ventos das mudanças do clima que o alcançam lá do alto
que ele pode ficar tranquilo
que amor nenhum cai se sustenta no lugar certo

AGUÔ

Zeca Medrado

engole o choro!
vira homem, mocinha!

só quero o seu bem...
só faço isso porque te amo!
assim disseram.

ABUTRES!

em nome desse amor doutrinaram aquele corpo.
franzino frágil
de alma mar.
despido.
de tanta lágrima contida
virou
tempestade de tudo o que engoliu.

da surra faz couraça.

do palavreado insano que ouviu
faz poesia
insana
profana que insulta.

é peito que pulsa.
que peita.

ainda franzino, não mais tão frágil.
aguô.
e aguando flui [na] sua própria subversão.

CORRIDA, SILÊNCIO

Gabriel Ignácio

corrida, silêncio, corro
pro teu sexo aqueduto
de gozo prazer
displicência

hoje eu tô despido
o meu sexo
o desejo
totalmente
marcado
as manchas
à mostra ninguém vê
e por isso que vou embora
Às vezes, acho que sou vulgar demais e
que a minha nudez,
e a que minha carne é tão exposta

mas o que pode ser mais vulgar que a vida?
A vida é o estupro de um animal cego
que manca em direção à saída
mas cai de lado antes de chegar ao fim
e incrivelmente não chora
incrivelmente espera, ferido
suspenso.

DOMINGO

Luiz Antônio Sena Jr

Danttas me chama pra viver. Trim-Trim toca o celular.
Domingo é dia de ser junto, mas... ligo a câmera!

— Dendê é a cor do céu daqui hoje no cair da tarde - ele me conta.

— Dias D'ávila é só nuvem... — eu lhe falo como quem procura no céu um tom pra essa conversa de dias de quando a cama parece nos engolir sem mastigar.

Danço nas curvas de seu riso que escapa pela tela.

Dardos me atravessam o juízo.

— Dromedário não é camelo! — lhe digo de maneira direta — Eu não tô bem, nego. Esse vírus tá me consumindo... é melhor você procurar alguém que te...

Dorso na tela, ele não quer continuar nesse assunto.

— Di Dendê, cadê você? — ele invoca!

Diretor de um teatro que me salva, ele funde ficção e realidade abrindo a porta do quarto, dublando "Dengo", com um rosa na mão e um anel na outra dizendo: "Deixa de dor que você é meu amor!"

ALGUEM

Natan

ESCUTA

CANADA

Angel

Meia-noite
Tem dores que a gente visita
Mais do que uma vez só
Rochester Zen Center não aceita pessoas que vivem
Com problemas de saude mental
Meditação e Loucura podem funcionar juntas
No Japão
Mas não nos estados unidos
Estou observando que
Dentro da loucura existe Cura
Sabendo que esse argumento tá piorando
A minha situação
Tenho que ir
Três da manhã
No outro lado do rio é o Canadá
Será que a Liberdade vive lá?
A aceitação?
O afeto?
Dez mil pessoas me atravessam
Procurando por ela
A liberdade
Não preciso meditação para ver
500 anos de fantasmas
Quatro e meia
Ela tá atravessando a rua
Parece fantasma
Magra
Quebrada
Usando óculos de sol
Enormes

Mas não suficientemente
Pra esconder
A dor
Azul
Roxo
Preto
Ela também tá vendo
500 anos de fantasmas
Vamos?
Os óculos estão me olhando
Madrugada
Mais um segundinho
E ela já não está no meu lado
Vozes estão chamando ela
Tem dores que a gente visita mais do que
Uma vez só

VÁLVULA DE ESCAPE

Micaela Costa

estranha relação entre olhos marejados, palavras e o medo da morte.

me escapa dos dedos mil versos, trovas e linhas. os olhos inundados de palavras e o peito que não se cala, segura a boca, mas solta o pensamento que transborda.

escrever é afago.

E DE QUEM É A CULPA?

Laura Ribeiro

"Primeiro eles tentam te moldar naquilo que você deveria ser.
Até perceberem que não é possível.
Então, eles te dão uma(s) outra(s) utilidade(s)".
Ribeiro, Laura (2022)

"O amor não fez nada por mim.
O amor me machucou, me estuprou e me chamou de animal.
Me fez sentir inútil e me deixou doente".
Preciosa, uma história de esperança (2009)

Desde muito pequena disponível para *encoxadas* pontuais até as mais frequentes. Normalmente praticadas por amigos próximos da família, tios de coleguinhas da rua ou da escola...

"É viadinho mesmo, ele gosta"

Antes de me entender como bicha. Antes mesmo de me entender como PESSOA, a sociedade, essa dos homens e dos seus discursos, ela já tinha me dito quem eu era e pra que eu servia.

Esses mesmos amigos da família, os quais quase sempre desempenham o papel de salvadores, ajudando como podem, por exemplo, uma mãe solo com três filhos pra criar. Foram esses, os *"acima de qualquer suspeita"*, os que puseram sua saliva e além. Dentro e fora de mim.

Eu perdi as contas de quantas vezes fui abusada.

É uma armadilha. Como contar, naquela época, pra um adulto, que tinha sido abusada? Eu já não confiava mais nos adultos. Tudo que eu sabia do que os adultos pensavam era sobre como era errado ser vyada. Logo, não me permitia falar. Se eu falasse, talvez confirmasse o que todo mundo sempre questionava em mim.

Eu nunca tinha parado pra pensar em como todas essas experiências viriam a me atrapalhar na vida adulta. No meu trabalho, nas minhas relações, na minha capacidade de racionalizar meus sentimentos e tomar decisões.

Um dia, aos 17, chegou o hiv.

Depois de um tempo, a cocaína.

No meio de tudo, a dependência emocional.

...

E TRAVESTCHYLIZEY!

Aos 26.

Na universidade federal.

Pheena, chic. A primeira da família.

A balbúrdia que me fez enxergar que os abusos que sofri foram responsáveis pelos caminhos que segui e que me perseguem até hoje.

— Então, quem foi que te passou hiv? quero dar uma surra, pq ele é culpado.

— E quem tem culpa? eu também me expus, ninguém me forçou.

E de quem é a culpa então?

— A CULPA É DA FAMÍLIA DESESTRUTURADA! MÃE SOLTEIRA NÃO É BOM EXEMPLO! FALTOU UM PAI PRA ESSA CRIANÇA!

MAS DE QUEM É A CULPA ENTÃO?

A culpa é das mãos dos homens que percorreram todos os orifícios de uma criança vyada.

indefesa.

acuada.

esperando o momento do afeto.

QUANDO SE É CASA

Laura Ribeiro

ouvir os pingos de chuva é fundamental
quando se mora em apartamentos não é possível ouvir o tilintar das
gotas caindo nos telhados das casas
a sua e a dos vizinhos
quem é cria do interior sabe
de lá dá pra sentir a chuva chegando pelo cheiro
muito antes d'ela bater no chão

talvez eu seja um pouco apartamento às vezes
quando não consigo ouvir direito minha consciência
vedada dos sons que importam, como o som da chuva ou do choro
ou não se ouve nada, ou se ouve pouco
ou só se ouve ruído
incompreensível

quando se é casa, dá pra ouvir o entorno com mais clareza
desde a briga até o treino de violino do vizinho
apartamentos vivem amontoados e ainda assim isolados
ninguém quase fala com quem mora ao lado
de que adianta tantos andares?
a grandeza de um lugar onde depois de uma certa hora precisa-se
até ficar calado
silêncio

queria ser casa sempre
barulhenta e também acolhedora comigo e com os outros
mas nessa experiência volátil da vida
a paisagem às vezes muda na cabeça da gente
não que a gente deixe de ser casa de verdade
e, sim, porque em algum momento alguém ou algo nos convenceu

de que éramos apartamentos
os apaixonados pelas arquiteturas grotescas da cidade grande
e suas gaiolinhas de poucos metros quadrados com aluguéis
de vários salários que me perdoem

daqueles que só o condomínio custa o que eu ganho
esses "espaços" são os que mais me enojam

peço que me desculpem mais uma vez
ou não
mas eu ainda prefiro ser casa

MATEUS

Angel

Você conhece Mateus?
Conhecia Mateus?
E você?
Alguém?
Alguém tá conhecendo?
Conhecia?
Mateus?
Vinte nove de junho de mil novecentos e noventa e três
Ninguém tá me conhecendo desde então
Eu estava conhecide

AFETOS HOMEOPÁTICOS

Rafuska

Há lugares distante que são casas
Há pessoas que são universos
Há tanto em um único abraço

Há uma casa verde em São Paulo
Há pessoas únicas por lá
Há sorrisos que só lá são leves

Há histórias que só lá são ditas
Há memórias que só lá foram deixadas
Há vidas que por lá encontraram sonhos

Há choros que só lá são compreendidos
Há tanto lá que existe até novos caminhos
Há cura em afetos homeopáticos

1.

as palavras que saíam do profundo da garganta de indianarae vinham como ondas cósmicas que atravessavam esse meio meio-intergaláctico, meio-real-demais da tevê grudada na parede. eu lembro do dia em que me pus a furar, sozinha, buracos na parede, menos pra assistir o aparelho, mais pra poder enxergar o outro lado. mas o concreto, muito duro, só fez verter sangue. um líquido viscoso e iridescente fluindo do corte na minha pele. parei ali, pelada, furadeira em mãos, pensando em como ela me veria invertebrada. suas costas, arqueadas, em um desprezo incomensurável pela minha falta de penugem. mas cascuda, eu. eu deveria sentir frio. só quis mesmo correr. uma caverna, oca e pontiaguda, rasgando mais intensamente meus espaços vazios. vacúolos. o oco de onde o osso deveria vir. ver, eu queria ver. mas no escuro, só a luz de LED de uma tevê pra iluminar essa inconstância do meu corpo. insubmissa, minha pele não fechava, e todos meus líquidos fluíam, ditosos, em direção à poesia. aí que ouço sua voz, e inebrio mais e mais, transcendendo, acidentando meu corpo nesse plano. fecho os olhos, e aquele brilho já não machuca mais. as palavras não machucam mais. indianarae sussurra.

II.

o sussurro dela enquanto meu corpo fica dançando no escuro. seu nome outro. dandara. dando pra trás, num calor de trinta e três graus. eu tentava parar, tentava parar, mas ela não. sua mão, frenética, dedilhado na peleja dum sol quente (praia, verão, coisa e tal) de fazer tss. fiz. me joguei, dancei o som. o sol dourado, furtivo como uma doninha, dizia duma luz que iluminava o movimento vai-vem do diafragma. fragmentada, me encontrei inteira. à beça. do fio de cabelo ao dedo do pé. vai, vem. dandara, dançarina, deitava em meu peitoral suado e mudava de nome a cada respiração. sofrimento longe, boa noite, mas meu nome agora é dandara, prazer. ela driblava a animalidade em mim. sim, ela me achou cachorra. feliz, palavras cortadas, curtidas, vhivas vidas. sapateado dum gato preto. se ela dança, eu danço (aquela coisa). eu transo, eu tesa, ela livre, ela bela, eu sôfrega, ela solta, eu envolvida em suas pernas. ali quis ficar.

III.

fiquei, uma rã prostrada sob o sol quente transmutado (ei, de boca aberta!) em lua grande e amarela. essa coisa de ciclos, de um rio grande que deságüa das pernas de rani. ali, ramificados no risco, ela riscava os is e bifurcava minha língua. lýngua. ela byfurcava mynha lýngua. como fura-olhos. prest'ênção, cabra! mas era eu a cachorra. fungando, precisando dum rinosoro que me salvasse da rinite, eu rysco. eu pelo menos rysco. ~~rysco rysco arrysco y petysco ah se eu rysco! vem rysear tu y~~

13

gostei de lhe ver, sem roupa, pele flácida, nisso que cê chama defeitos e eu características. o que me faz ter memórias de você. o que me faz lhe olhar além. porque somos mais que essas coisas que chamam por nome, coisas que não nos controlam. *statement*, disse a moça em inglês, mas eu só ouvi abobrinhas. a gente chama de *situação*, nosso *calhou-de*, como a gente é. três pontos. porque eu só penso na voz doce da liniker embalando o movimento da sua camiseta deslizando pelos braços até atingir o chão. o pé esquerdo, leve, flutuando naquele chão de taco cafoníssimo de são paulo, mas é isso: vivemos em apartamento, enquanto não dá. ainda não deu pra nossos sonhos serem sonhados de olhos abertos, mas não por isso a gente não imagina, não cria memória, não fabrica casa, não chora, não sente a luz do sol, não se olha nos olhos profundamente até sentir que existe mundo fora daqui, no gato que passeia entre as pernas, eretas, e pede a ração. eu chamo *meu amor*, e quem responde é você. em outra situação, talvez fantasma. mas a gente se encontrou, se viu no escuro. a gente se encontra, a gente também sua no frio quando se encontra. é muito disso que a moça em inglês chamou de *meeting*. afe, língua traiçoeira. a gente, cobra rasteira. água de rio, serpenteando finíssima pelos córregos arroios que se transmutam em artérias. arterial, ou *arterial* como diria a moça em inglês, nada disso se faz entender por rio, mesmo que a moça em inglês ache que sim, que o português nomeou isso de metáfora, *metaphor*. a gente canta palavras que não ficam grafadas no livro, mas se grafam no verbo-ar, na pele flácida na barriga no peito no dorso na encosta dum barranco onde construiríamos nossa casa. salvei o peito pra mais sonho, e você me lembrou serenata tocando meu dedo mindinho. acho que tenho visto esse lado doce, medida certa do sal-equilíbrio-açúcar, nisso que disseram vida depois do diagnóstico. *life after hiv*, a moça em inglês lembra. não acredito muito em antes-e-depois, já que esse conceito de tempo é demodê (ou um jeito mais de dizer *decolonial*), porque apesar de tudo, eu gosto das cafonices. eu gosto das suas cafonices, chão de taco, pele flácida, camiseta xadrez. ainda mais quando elas calham de cair no último dia treze do ano.

lucas lins

POSFÁCIO

MEMORIAL INCOMPLETO DA EPIDEMIA DE AIDS

Acervo Bajubá e GIV - Grupo de Incentivo à Vida

O GIV - Grupo de Incentivo à Vida foi fundado em São Paulo em 1990. A proposta inicial era formar um grupo de solidariedade e de convivência para pessoas que viviam com HIV/Aids, no qual elas encontrassem um espaço seguro para compartilhar suas vivências e experiências, tornando-o o primeiro grupo de ajuda mútua no Brasil formado e dirigido por pessoas com HIV/Aids. As iniciativas promovidas pelo GIV se tornaram espaços de acolhimento, sociabilidade e de diversão, importantes para combater o isolamento social resultante dos estigmas e preconceitos que para muitas pessoas se seguia ao diagnóstico para o HIV. Além disso, partindo de um entendimento de que as pessoas que vivem com HIV/Aids são sujeitos que constroem e participam ativamente das decisões sobre suas vidas, o GIV se afirmou como um importante espaço de ativismo político no movimento social de HIV/Aids e de promoção de respostas comunitárias contra o avanço da epidemia entre grupos sociais mais vulneráveis. Atualmente, as atividades do GIV continuam na sede da organização, no bairro da Vila Mariana, em São Paulo.

O Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBT+ brasileiras. Ele se iniciou em 2010, por iniciativa de um grupo de ativistas, artistas, colecionadores e pesquisadores LGBT+ que buscavam constituir um acervo para a preservação, salvaguarda e investigação historiográfica da arte, memória e cultura LGBT+. Nos últimos anos, o Bajubá ampliou sua atuação, sem se limitar à aquisição e acondicionamento de documentos em diversos suportes que tematizem a diversidade sexual e a pluralidade de expressão de gêneros no Brasil. Atualmente, o Acervo promove também projetos culturais de registro, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBT+ no Brasil.

Em 2021, o Acervo Bajubá iniciou um trabalho de recuperação e registro da memória institucional do GIV. Este trabalho é fruto de um entendimento de que a temática do HIV e dos seus efeitos atravessa a história recente das comunidades LGBT+ brasileiras, assim como um importante conjunto de documentos que compõem a coleção do Bajubá. Atualmente, o Bajubá ocupa uma sala na sede do GIV. Além disso, o trabalho em conjunto desdobrou-se em alguns projetos como: a organização e acondicionamento do acervo institucional do GIV; a realização de entrevistas com pessoas que participaram da organização; e a publicação da obra Poéticas de vida: escritas de (si)da, premiada em 2022 na categoria Arte e Cultura do 3o Prêmio José Araújo Lima Filho de Ativismo e Direitos Humanos.

Outro projeto surgido a partir da parceria entre o GIV e o Acervo Bajubá foi o memorial incompleto da epidemia de aids. O memorial incompleto é um projeto de registro sobre os efeitos da epidemia de HIV/Aids no Brasil e de histórias de vida de pessoas que viviam com HIV/Aids. Através de distintas ações online desenvolvidas durante o segundo semestre de 2021, o projeto buscou dialogar com tradições de luta das pessoas e organizações que se dedicaram ao enfrentamento à epidemia de HIV/Aids no Brasil, além de promover reflexões sobre as mudanças nas respostas ao longo de quatro décadas de epidemia.

Em dezembro de 2022, a convite do Sesc Guarulhos, o GIV e o Bajubá retomaram o memorial incompleto da epidemia de aids promovendo atividades online e presenciais. Uma das atividades então oferecidas foi uma oficina de escrita e publicação gratuita, ministrada por Laura Daviña e Juão Nyn. Durante cinco encontros online, a oficina partiu do tema da epidemia de HIV/Aids e de exercícios de escrita para criar um espaço seguro de partilha e elaboração de escritos que foram reunidos em uma publicação coletiva. O resultado desta oficina é a obra *Tudo o que eu deixei de dizer em voz alta*.

Acreditamos que a promoção da oficina de escrita e publicação é uma forma de dar continuidade às estratégias criativas desenvolvidas pelo GIV desde o início de sua atuação como forma de enfrentar o preconceito, os estigmas e o isolamento social que podem acompanhar a descoberta de um diagnóstico positivo para o HIV, tanto para a pessoa infectada como para aqueles que estão ao seu redor.

Diferentemente da oficina que resultou na produção do Poéticas de vida: escritas de (si)da, dessa vez, não restringimos a participação na produção deste livro a pessoas vinculadas ao GIV. Logo, os textos publicados aqui trazem em si diferentes vozes, experiências e interesses ao redor da temática da epidemia de HIV/Aids. Os últimos anos demonstraram que este ainda é um problema político, social e cultural no nosso país. Assim, a publicação de *Tudo o que eu deixei de dizer em voz alta* busca, por meio da criação artística, retoma a importância da promoção de espaços coletivos para que possamos seguir escrevivendo, resistindo, elaborando, compartilhando e perseverando.

UM ATELIÊ DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Sesc Guarulhos

Quando começamos a pensar um projeto sobre HIV/aids, para realizarmos no contexto das reflexões e comemorações do Dia Mundial de Luta contra a Aids, duas preocupações principais surgiram: tratar o tema em sua complexidade, com simplicidade, afeto e informação, e garantir a participação do público. Uma das características dos frequentadores do Sesc Guarulhos é a curiosidade aguçada. Se houver uma luz piscante, um pedaço de papel, uma bola ou uma pessoa sorrindo, alguém certamente se aproximará querendo saber qual é a boa. Então, a ideia inicial era criar uma biblioteca posithiva, que incluísse obras acadêmicas, literárias, artísticas, biográficas e científicas, que contasse com a mediação de educadores e servisse como um ponto de encontro.

Para dar viabilidade e fortalecer a ideia, convidamos a ong GIV – Grupo de Incentivo à Vida e o Acervo Bajubá, centro de memória LGBT, para pensarmos juntos uma forma de elaborar essa proposição. Foram delineados novos contornos e a proposta passou a incluir um ateliê de educação em saúde – com a biblioteca e um grupo de arte-educadores responsáveis pelos diálogos e atividades junto ao público, uma oficina de escrita e publicação – cujo incrível e interessante resultado é este arquivo autoral e sensível, uma coleta pública de testemunho - com a presença singular da ativista Nair Brito, e a realização de uma edição do Sarau Café com Expressão, evento tradicional do quintal do GIV e que no Sesc mobilizou pessoas convidadas e participações espontâneas em abordagens delicadas e potentes sobre HIV/aids. Completando a programação, convidamos a Secretaria Municipal de Saúde de Guarulhos, por meio das equipes do CTA - Centro de Testagem e Aconselhamento Ubiratan Marcelino dos Santos e do SAE – Serviço de Atendimento Es-

pecializado Carlos Cruz Ação, referências no tratamento de HIV/aids no município de Guarulhos, para conduzirem uma ação de testagem e aconselhamento em HIV e Sífilis.

Então, entre os dias 29 de novembro e 15 de dezembro de 2022, o memorial incompleto da epidemia de aids ganhou vida, no contexto do "Contato – Ações para a promoção da saúde sexual e prevenção das ISTs e HIV/Aids", ação em rede do Sesc São Paulo. Se desenvolveu como projeto sensível de educação em saúde, tratando da memória de pessoas que viveram ou vivem com HIV/aids e colaborando para a prevenção e o diagnóstico de outras pessoas que podem buscar evitar o contágio ou aderir ao tratamento e garantir uma vida saudável e um status indetectável. Afinal, indetectável é igual a intransmissível. Informação, sensibilização, conhecimento e afeto mudam o mundo. E é certo que um pouco disso tudo foi oferecido aos frequentadores do Sesc Guarulhos ao longo da realização do memorial.

QUEM ESCREVEU

Andrea P. Ferrara / @apferrara
Enfermeira e mestre em Saúde Pública pela USP. Voluntária do GIV - Grupo de Incentivo à Vida desde 2005, onde coordena projetos para as juventudes. Mulher cis, umbandista, com mobilidade reduzida, briguenta com as questões de acessibilidade, leitora compulsiva, falante, curiosa e indecisa, adora conhecer cafeterias pela cidade de São Paulo.

Angel Robin Fox / @temporary.providence
Em transformação. Entre música, dança, teatro, filmes e natureza. Entre Amazônia, Palestina, Noruega e Bahia. Entre silêncio, movimento e palavra. Objetore de consciência. Artivista.

caiob
Legítimo virginiano que até a bagunça é organizada. amo o caos urbano mas é só me chamar para uma praia ou trilha que eu viro a própria dora aventureira. quando estou na rua não resisto a um vira-lata. não importa qual seja a época do ano, estou sempre organizando uma viagem.

Florence Belladonna Travesti / @transviada
Travesti rural do interior do Rio Grande do Norte, migrante, gorda, ativista, palestrante, historiadora pela UFRN e mestranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares na UFRRJ. Membra da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), uma das investigadoras do Acervo Bajubá, localizado no Grupo de Incentivo à Vida (GIV) de São Paulo, e integrante e produtora cultural do #VoteLGBT, ONG preocupada em tensionar espaços de política institucional de representatividade e garantia de direitos para pessoas LGBTI+ do Brasil. LGBTcêntrica, adora um bom happy hour e balada com amigos, provar bolos e sorvetes. Contato: travestif@gmail.com

Franclin Correia da Rocha / @franclinrochaoficial
(Franclin Rocha), bicha preta de pele clara periférica, educador/ator/performer/produtor cultural, graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2006 - 2012), especialista em Arte Educação Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas contemporâneas pela Universidade Federal - UFBA (2019-2020), professor de teatro espe-

cialista pela prefeitura de Salvador (2015-2019) e do município de Lauro de Freitas em (2020-2022). Dentre os trabalhos realizados destaca-se como Performer do espetáculo Líquido, Gasoso e Pastoso (2020) com a performance Amor + Grupo Usina de Teatro; vídeo-dança Bem me quer, Mal me quer do Lab de Performance Solos Ano II do Balé do Teatro Castro Alves - BTCA orientação Dayana Brito e direção do projeto Ana Paula Bouças, Ará Irokó (2021) teleperformace duracional do coletivo @feto, coordenação Ciane Fernades, Eu não contei para o meu pai que tinha Aids (2022) performance solo autobiográfica.

gabriel ignácio / @gabrielsigna
Psicólogo, poeta e pesquisador. na sua práxis explora a articulação entre memória e imagem, morte e erotismo, percorrendo a dimensão afetiva, política e social dos processos de subjetivação. seu trabalho é fruto da elaboração poética, existencial e filosófica do eu-nós-mundo.

Juão Nyn / @juaonyn
Multiartista, atua na performance, no teatro, no cinema e na música. É integrante do Coletivo Estopô Balaio de Criação, Memória e Narrativa, da Cia. de Arte Teatro Interrompido e da banda Androyde Sem Par. É autor de Tybyra – uma tragédia indígena brasileira, selo doburro, 2020.

Laura Ribeiro / @laurasmarcelis
Travesti, 30 aninhos bem vividos, professora de inglês online, estudante de pedagogia pela UFSCar Sorocaba, escritora, poeta, militante, comunista, feminista, arrisco fazer uns desenhos e sou apreciadora de um beck bem bolado no final de um dia exaustivo. Natural de Salto de Pirapora - SP. Odeio coentro e vivo com HIV desde os meus 17 anos.

lucas lins / @carneebatatas
Fazendo a ponte Salvador, São Paulo, praia do Cassino, (e, a partir de 2023, Fortaleza), gosta das grafias minúsculas através das quais escreve poesia como forma de sair do silêncio/silenciamento rumo à transformação. dentre outras artistices, formou-se oceanólogue pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Luiz Antônio Sena Jr / @lui.oficiall
Ou LUI, é pesquisador, multiartista, diretor teatral, ativista, produtor e gestor cultural, além de pai de Lis e m Òrì à. Natural de Alagoinhas (BA), evoca em suas criações imaginários afirmativos relacionados a homoafetividade, a soropositividade e a ancestralidade afrodiaspórica.

Mábson Ferreira / @mabson.ferreira
Artista visual focado em técnicas de gravura (xilogravura e linoleogravura), serigrafia e artes digitais. Formado em Técnico em Comunicação Visual – Centro Paula Souza, ETEC da Vila Formosa. Cursou teatro na Fábrica de Cultura Parque Belém (2017), participa da oficina de Xilogravura no CCSP (Centro Cultural São Paulo), desde 2016. Participou da Mostra Folhetaria - 2ª Feira de Arte Impressa do CCSP, 2016 e Feira Folhetaria de Arte Impressa, 2019.

Marcondes FH / @apaixaosegundofh
Escritor, pintor, ilustrador, poeta, romancista Queer e antirracista, pernambucano. Cursou Licenciatura em Teatro pela UFPE em 2011, e em 2022 estreou na literatura com o romance: Como dentes na carne doce pela Editora Caravana. Integra hoje o Projeto Mala Preta. Pretende um dia falar sobre estar dentro da derme, mas por enquanto incendeia canaviais sendo ausência pronunciada.

Marcos Tolentino / @marcosoat
Bicha vivendo hiv, soteropolitano e libriano. Historiador formado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde atualmente desenvolve seu Doutorado em História. Pesquisador do Acervo Bajubá e do VoteLGBT. Produtor e roteirista dos podcasts Passagem só de ida e Palanque.

Micaela Costa / micaelacost@gmail.com
Assistente social y Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalha no SUS, dialogando cotidianamente sobre HIV/AIDS em um hospital público referência em infectologia na capital potiguar. Mulher cis, feminista, anticapitalista. Indígena em processo de retomada. Gosta de mar, cachorros, cheiro de mato, pôr do sol, café quentin, prosa boa, olho no olho. Tem uma queda pela Bahia, mas isso é assunto pra depois.

Natan / @cancerianatan
Artista visual, arte educador formado pela Faculdade Paulista de Artes (FPA), membro do acervo Bajubá e pesquisador independente que se aventura na xilogravura e ilustração.

Rafa Munduruca / @munduruca
Profissional de produção cultural, educação e comunicação com experiência em educação não formal e arte-educação, elaboração e gestão de projetos culturais e comunicação digital. Atua na preservação e difusão da memória LGBTI+. Trabalho como animador sociocultural no Sesc Guarulhos e como professor no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Rafa Roller / @roller.jpg
Designer, editor de vídeo e ilustrador. Arteiro autodidata desde 1993, sou apaixonado por transformar ideias em conteúdo artístico e acredito que o papel da arte é nos fazer enxergar o mundo de uma forma diferente. Falo muito sobre HIV, bissexualidade e não monogamia por aí.

Rafuska/Rafaela Queiroz / @rafuskaqueiroz
Rafaela para os não íntimos, cresceu com um "bichinho" mais conhecido como HIV. Escreve e lê poesias nas horas mais aleatórias, mas principalmente quando a vhivência era um silêncio ensurdecedor. A morte a levaria bem cedo, mas (r)existiu e chegou aos 30. Psicóloga friendly, feminista, mulher cisgenero bissexual, criadora de conteúdo e ativista em saúde, direitos humanos e HIV/AIDS.

Ramon A. Soares / @ramonn_s2
Estudante de cosmetologia na Fatec, natural de Pernambuco morando em São Paulo.

Zeca Medrado / @zecamedrado
Viado, cis e canceriano. Da parte dos Gerais das Minas Gerais. Sociólogo, psicanalista clínico e pesquisador das dissidências de gênero e sexualidade. Fotógrafo amador. Curioso, adora um cafezinho e um papo bom na porta de casa.

O Grupo de Incentivo à Vida é uma ONG que foi fundada em 1990 e que luta pelos direitos das pessoas vivendo com HIV/Aids (PVHA) e das populações mais vulneráveis à infecção pelo HIV. O GIV realiza trabalhos no âmbito da prevenção, da luta pelos direitos e contra o preconceito, tem grupos de vivência para jovens, mulheres e LGBTQIA+, possui apoio psicológico, de serviço social e jurídico, práticas integrativas e complementares, proporciona palestras, cursos e oficinas.
+ giv.org.br

O Acervo Bajubá é um projeto comunitário de registro de memórias das comunidades LGBT+ brasileiras. Como parte de sua proposta de promover e difundir a cultura, o patrimônio histórico e artístico e as memórias das comunidades LGBT+ brasileiras, colabora com exposições, promove capacitações sobre história e memória e produz projetos audiovisuais de registro, mediação e circulação de narrativas sobre as histórias de pessoas LGBT+ no Brasil.
+ acervobajuba.com.br

Agrupamentos é uma iniciativa editorial de pesquisa-ação em memória pública, comunicação comunitária e economia solidária. A proposta parte de uma metodologia de trabalho processual que envolve atividades de diálogo, formação, criação, desenho e circulação de publicações coletivas que reverberam memórias e narrativas invisibilizadas de territórios, identidades e comunidades diversas.
+ @seloagrupamentos

EDIÇÃO e PROJETO GRÁFICO: Andrea P. Ferrara, Angel, caiob, Florence Belladonna Travesti, Franclin Correia da Rocha, gabriel ignácio, Juão Nyn, Laura Ribeiro, lucas lins, Luiz Antônio Sena Jr, Mábson Ferreira, Marcondes FH, Marcos Tolentino, Micaela Costa, Natan, Rafa Munduruca, Rafa Roller, Rafuska/Rafaela Queiroz, Ramon A. Soares e Zeca Medrado [participantes da oficina "Memorial incompleto da epidemia de aids", no Sesc Guarulhos].

DIAGRAMAÇÃO: Laura Daviña

REVISÃO: Andrea Ferrara e Marcos Tolentino

ORGANIZAÇÃO: Bruno O., Juão Nyn e Laura Daviña

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tudo o que deixei de dizer em voz alta /
organização Laura Daviña, Bruno Oliveira. --
1. ed. -- São Paulo : Agrupamentos, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-999241-1-8

1. AIDS (Doença) 2. Contos brasileiros 3. Poesia brasileira I. Daviña, Laura. II. Oliveira, Bruno.

23-143541 CDD-B869.3
-B869.1

---

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Esta publicação foi composta em Karrik, tipografia com licensa livre SIL (OFL), e YWFT Hannah. A primeira tiragem foi produzida no PSSP Estúdio, no Parquinho Gráfico da Casa do Povo, em janeiro de 2023.

AGRUPA

publicationstudio.biz

~~pa~~ ~~ta~~vr

palavras entaladas na garganta
soltas num grito

Falar o que se cala.

des-TRAVA em mim a idéia
de que não me basta ser
aceita
já não me basta só ser
amada

... não há esconderijo quando se acende...

INCÊNDIOINCÊNDIOINCÊNDIOINCÊNDIO

Atente-se ao visceral: há palavras costuradas com sentimentos

EU NÃO QUERO
FICAR SOZINHO

há palavras no silêncio: escute-se

EU ME PERDOO EU TE AMO

saber me perder
sem soltar a minha
mão

COM: Andrea P. Ferrara, Angel, caiob, Florence Belladonna Travesti, Franclin Correia da Rocha, gabriel ignácio, Juão Nyn, Laura Ribeiro, lucas lins, Luiz Antônio Sena Jr, Mábson Ferreira, Marcondes FH, Marcos Tolentino, Micaela Costa, Natan, Rafa Munduruca, Rafa Roller, Rafuska/ Rafaela Queiroz, Ramon A. Soares e Zeca Medrado.

GIV
Grupo de Incentivo à Vida

BAJUBÁ
MEMÓRIA LGBT